

via lateral

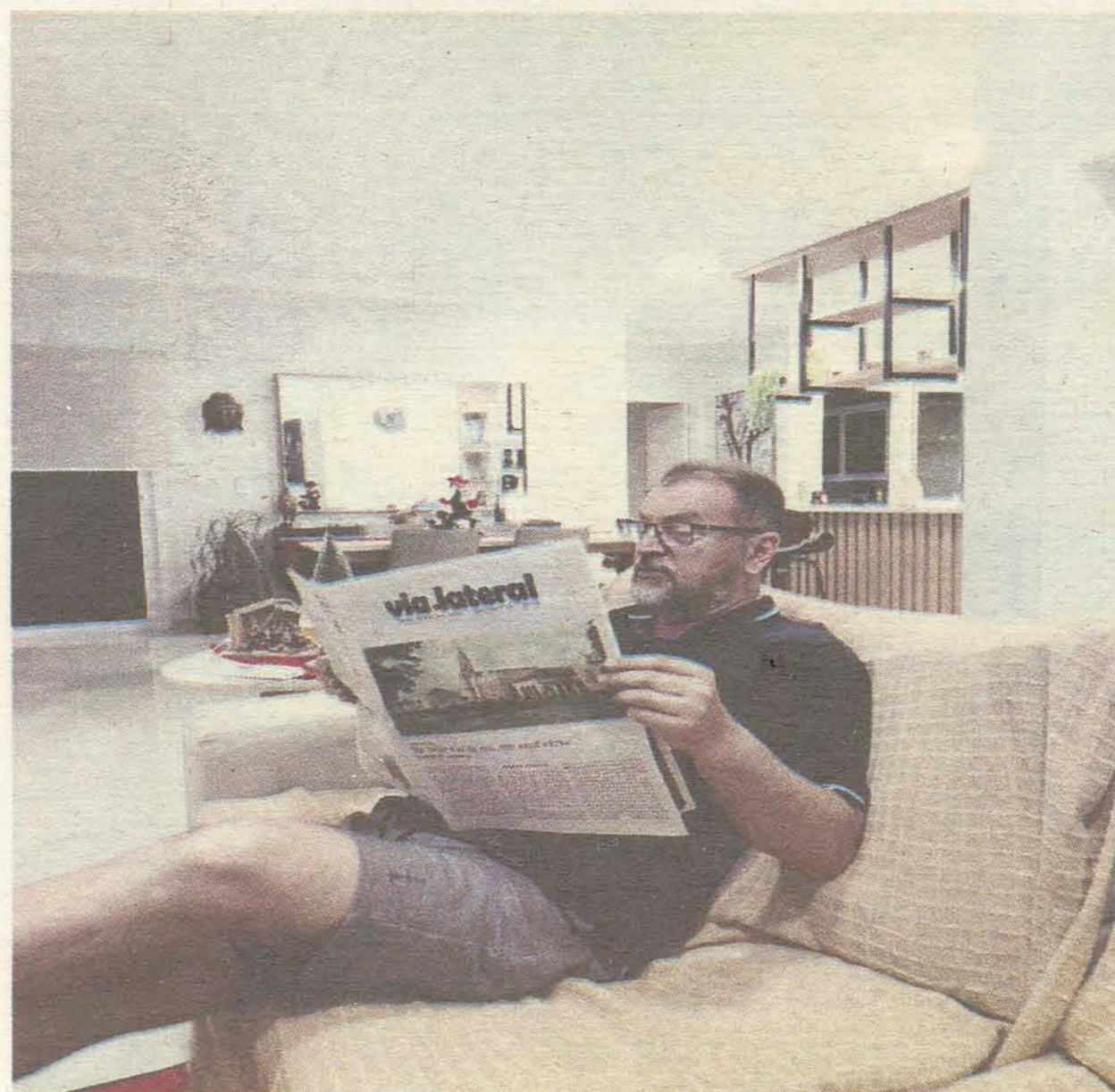
história literatura arte cultura

nº 27 \$10,00



John William Waterhouse, *Em Capri* (1890)

luis alberto manarin coelho



Luiz Alberto Manarin Coelho, o Beto, é funcionário da prefeitura municipal de Araranguá praticamente desde antes de nascer. É também advogado, embora não exerça, e é casado com Juliane Neves. O Beto é um dos leitores mais fiéis de Via Lateral e um dos seus assinantes patrocinadores. Desde que o jornal é publicado, não perde um número. Gosta de se sentar confortavelmente na sala e desfrutar de uma boa leitura. Na fotografia acima, lê o primeiro número publicado depois de dois anos de interrupção, por causa da pandemia.

Além disso, Luiz Alberto é amigo do editor deste jornal desde priscas eras, isto é, desde o tempo em que os dois cursavam o CICIAR, lá pelo começo dos anos 80. Toda, ou quase toda quarta-feira, os dois amigos gazeavam a última aula do período noturno, no Colégio Madre Regina (que, com o Estadual e o Nsa. Sra. Mãe dos Homens, formavam o trio de colégios onde os adolescentes cursavam o ensino médio) e literalmente corriam para casa para não perder o novo episódio de Starsky e Hutch, ou «Justiça em dobro». O episódio nem sempre era novo, mas isso não importava muito, valia a corrida.

Pelo apoio que o Luiz Alberto sempre deu a Via Lateral, queremos homenageá-lo colocando-o no lugar de «leitor inaugural» desta sessão, dedicada a nossos leitores e leitoras, e que esperamos repetir todos os meses.

O editor

astrologia

horóscopo luna stella

Áries (21 de março - 19 de abril):



Neste final de ano, Áries, sua energia vibrante e entusiasmo contagiarão as festividades. Use sua determinação para realizar seus desejos. Seja ousado nas resoluções de Ano Novo, e as estrelas garantem que seus esforços serão recompensados.

Touro (20 de abril - 20 de maio):



Taurinos, este é o momento de relaxar e apreciar os prazeres da vida. Desfrute de boa comida, momentos tranquilos e conexões profundas. Valorize a estabilidade e traga essa energia serena para o próximo ano.

Gêmeos (21 de maio - 20 de junho):



Geminianos, sua agilidade mental e charme serão destaque nas festas. Use suas habilidades sociais para se conectar com os outros. Este é um momento para reflexão e comunicação efetiva. Seja claro em suas intenções para um 2024 promissor.

Câncer (21 de junho - 22 de julho):



Cancerianos, seu coração compassivo brilha durante as festividades. Cuide daqueles que ama e compartilhe a alegria do Natal. Emocionalmente renovado, embarque no Ano Novo com confiança e determinação renovadas.

Leão (23 de julho - 22 de agosto):



Leão, seu espírito radiante ilumina qualquer celebração. Aproveite a atenção positiva e retribua com generosidade. Reflita sobre suas conquistas e defina metas audaciosas para o próximo ano - você está destinado a brilhar ainda mais.

Virgem (23 de agosto - 22 de setembro):



Virginianos, sua atenção aos detalhes faz das festas um momento especial. Organize eventos com perfeição e reserve um tempo para relaxar. No Ano Novo, concentre-se em seu bem-estar e estabeleça metas realistas para uma vida mais equilibrada.

Lembre-se de que este horóscopo é apenas para diversão e entretenimento, e não deve ser tomado como orientação definitiva. Cada pessoa é única e suas experiências podem variar. Desejo a todos um novo ano cheio de crescimento pessoal e novas descobertas!

Luna Stella é colaboradora de Via Lateral

Libra (23 de setembro - 22 de outubro):



Librianos, suas relações ganham destaque nas festas. Busque harmonia e equilíbrio em seus relacionamentos. Ao entrar no Ano Novo, tome decisões com base na autenticidade e no que é verdadeiramente importante para você.

Escorpião (23 de outubro - 21 de novembro):



Escorpianos, sua intensidade acrescenta paixão às celebrações. Use esse período para se reconectar consigo mesmo e com os outros. Em 2024, transforme desafios em oportunidades para crescimento pessoal e espiritual.

Sagitário (22 de novembro - 21 de dezembro):



Sagitarianos, sua sede de aventura se destaca nas festas. Busque novas experiências e expanda seus horizontes. No Ano Novo, mantenha o otimismo e concentre-se em suas aspirações mais elevadas.

Capricórnio (22 de dezembro - 19 de janeiro):



Capricornianos, sua disciplina brilha nas festas. Encontre equilíbrio entre trabalho e lazer. Ao entrar no próximo ano, defina metas realistas e alcance o sucesso com paciência e persistência.

Aquário (20 de janeiro - 18 de fevereiro):



Aquarianos, sua originalidade e visão futurista se destacam nas celebrações. Conecte-se com pessoas que compartilham sua mentalidade inovadora. No Ano Novo, faça planos para contribuir positivamente para a sociedade.

Peixes (19 de fevereiro - 20 de março):



Piscianos, sua sensibilidade eleva o espírito natalino. Aproveite a magia do momento, mas não se esqueça de estabelecer limites. No próximo ano, use sua intuição para guiar suas decisões e perseguir seus sonhos com determinação.

apoio cultural:



Clínica Materno Infantil Aliano

Dr. Ricardo Aliano

CRM/SC 3918 | RQE 1016 e 1017
Ginecologista - Obstetra

Dra. Magda Lena Aliano

CRM/SC 4050 | RQE 1018
Pediatria



Caetano Lummertz, 456 - Conj. 210/212 Centro Executivo Araranguá

99921-9918

3522-1556

clássicos da literatura

o louco do cati
dyonélio machado

Mas em Torres a coisa mudou como por encanto. Norberto comprou duas passagens no Expresso do Nordeste, que, por acaso, passava ainda naquele dia. Mais tarde. Chegaria a Araranguá à noite (nove horas mais ou menos).

Na agência falou-se sobre a travessia do Mampituba, a necessidade duma ponte interestadual. Veio à baila então o desvio que se estava operando no curso desse rio. Coisa muito lenta, sem importância prática.

Norberto ouvia com atenção e falava também o seu bocado. Aqueles preparativos de viagem, tão simples, punham-no ativo, disfarçavam a sua fadiga. O companheiro, esse, arriava onde quer que chegasse. Sentou no bordo da calçada todo o tempo que estivera na agência.

O caminhão! Vinha muito sujo. Trazia poucos passageiros. Todos de Porto Alegre. Apenas um ou dois se destinavam a Florianópolis — que era o fim do percurso.

Serviço de meter gasolina ("Posto de Serviço"), regular os pneus, entregar encomendas e correspondência, etc. Tudo, quase uma hora.

Já tinha entrado o sol quando largaram. Mas ainda deu pra ter uma visão sobre Torres, do lado oposto, do território catarinense:

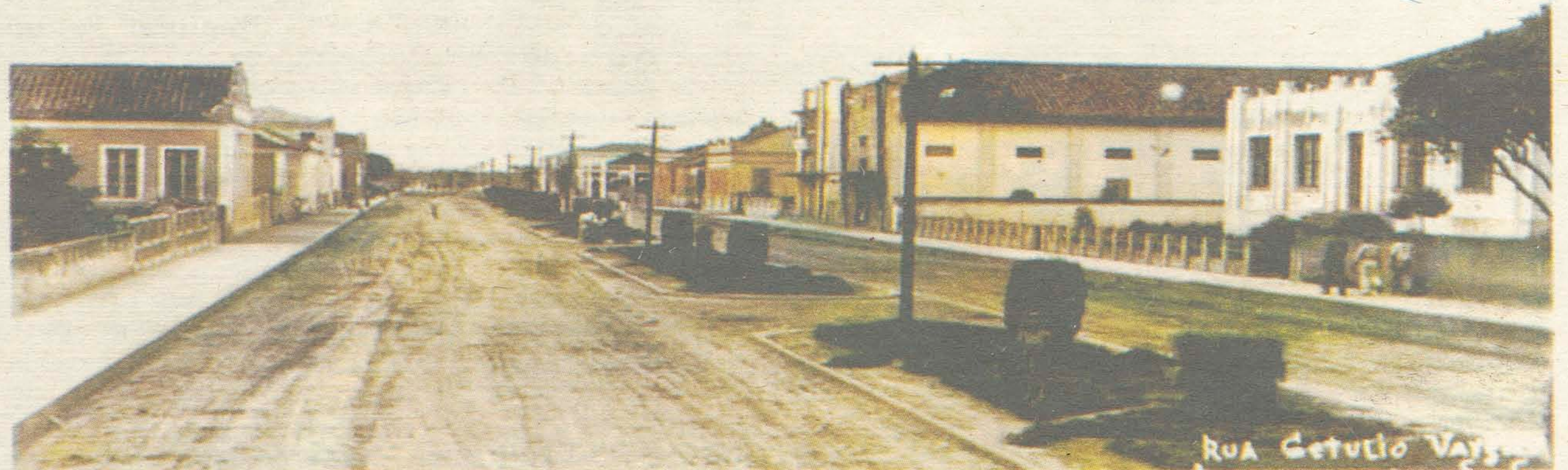
— Formidável! — Norberto se extasiou.

A noite chegava. Enquanto era ainda praia, menos mal. Entretanto, era forçoso deixar a costa, enveredar pra o interior. Dizia-se que eram doze quilômetros apenas.

— Mas tem mais — assegurou o chofer.

Um trilho fundo, cavado em terra de areia. Às vezes era preciso ir em todos nos estribos, pelo menos os homens. O caminhão nessas ocasiões

Dyonélio Machado publicou *O louco do Cati* em 1941. Inspirado em sua experiência pessoal, o escritor narra as peripécias de um grupo de amigos que no início daquela década faz uma excursão de Porto Alegre a Tramandaí. Um deles, Norberto, é fugitivo da polícia do Estado Novo. Na companhia do estranho indivíduo que dá título ao livro, Norberto segue pela praia em direção norte, a pé ou utilizando o precário meio de transporte coletivo da época. Reproduzimos aqui o momento de sua partida de Torres até a chegada a Araranguá. Trata-se de uma jóia literária, um documento incomum que nos oferece uma visão da cidade na perspectiva de um observador forâneo. Note-se a menção à precária iluminação elétrica, bem como ao saudoso trem, que chegava até o bairro Barranca.



Araranguá na década de 1940. Avenida Getúlio Vargas. Foto de José Genaro Salvador. Arquivo Histórico de Araranguá. Colorida digitalmente.

jogava desesperadamente pra os lados, ameaçando capotar. Foi num desses momentos que o maluco retirou um pé do estribo. Quis se apoiar no solo. Sofreu um golpe seco. Foi uma dor aguda. Ninguém viu sua palidez, porque era de noite. Não mais levantou do banco.

Norberto procurava servi-lo. A sorte é que já iam chegando. Com efeito, começou a se avistar uma massa esbranquiçada: era um rio. Depois apareceu a cidade — marcada por uma fileira de carvãozinhos mal acesos: a iluminação elétrica.

— E a de dentro das casas é também assim? — perguntou um.

— Exatamente.

— Mas então não se enxerga nada.

— Tem velas... — disse alguém numa voz explicativa.

(Sorrisos.)

Um dos passageiros adiantou que corriam vários projetos pra melhorar a luz elétrica das casas. O que mais simpatias granjeava era o de fortalecer a corrente de domicílio com a supressão da iluminação das ruas.

(Estoirou uma gargalhada franca.)

Alcançava-se Araranguá com um ótimo bom-humor. Mesmo o maluco não parecia sofrer com seu pé. Pelo menos estava quieto.

— Aonde é que para o ônibus?

Na agência, que, de resto, era um dos melhores hotéis. Era bom ficarem lá mesmo. Pra Norberto isto servia perfeitamente. Era só por uma noite.

Quando o caminhão se aproximava do passeio, três homens, sendo que um vindo na frente, destacaram-se do lugar onde estavam, na calçada, mais iluminada, do hotel. Chegaram-se para o caminhão, mesmo antes deste parar.

— Quem é aí um tal de Norberto? Norberto? — indagava o homem que tinha adiante, em voz dura e precipitada. Os seus companheiros "tomavam posição" nos dois lados do veículo.

Norberto apareceu, no meio da curiosidade espantada de todos.

— Sou eu.

— Então me acompanhe.

Ouviu-se uma voz de terror, de terror pânico:

— Isto! Isto é o Cati!

Era o maluco, um pé no ar, a cara de dor e os olhos fundos escancarados para aquele "aparato".

Os outros detalhes se souberam mais tarde: a polícia estava prevenida da entrada de Norberto pela fronteira do Estado Oriental, por Rivera. Mas perdeu-lhe várias vezes a pista. De Tramandaí, onde se pensava capturá-lo, mas onde não fora encontrado, avisou-se pra Araranguá, suspeitando que ele já tivesse deixado o Rio Grande do Sul com muita antecedência. A polícia mostrou-se muito ativa. Muito inteligente, que é o termo que lhe é peculiar: como não se achava em Araranguá, só a alternativa: ou devia já haver partido ou ainda não ter chegado. Casualmente, estava chegando.



Porto Alegre por volta de 1940. Fotografia de autor desconhecido, colorida digitalmente.

Soube-se que o seu nome verdadeiro era José Cândido Moraes e não Norberto só ou Norberto Molina, como se dizia chamar. (Ou quem sabe se aquele não seria o nome de guerra e o outro o nome mesmo? Ninguém foi capaz de deslindar.)

Um tesouro

A autoridade tomou logo várias resoluções. A primeira era considerar os dois sujeitos (Norberto e o companheiro) como presos de importância. O delegado tinha por hábito andar sempre resfriado, a voz anasalada. Ele, mesmo, só se curava em último caso. Era moço e tinha gosto (rapaz de muito gosto), tinha gosto em andar assim, com a voz velada, rouca e íntima. Os outros também se compraziam, porque, nessas ocasiões, ele ficava mais comunicativo, mais familiar, trazendo amavelmente o focinho pra mais perto de todos. E a repartição tomava o ar de colégio em dia de chuva.

— Não sei por quê — resmungava um dos subalternos, de parte, comentando o caso com um colega —, não atino por que hão de ser pre-

sos de importância —. Suspendeu-se um pouco, como para reunir argumentos pra sua tese, pra o seu "ponto": — Um deles não pode nem caminhar!... Anda num pé só!...

— Pschiu! — fez-lhe o companheiro —. Não convém espalhar isso.

A tese porém do delegado era que um homem que se trancava sem se saber exatamente por quê e apenas para ser agradável a ilustres desconhecidos ("— Ilustres! Vejam bem!") só pode ser de importância.

O pessoal do "Expresso do Nordeste" e os passageiros que deviam seguir pra Florianópolis não gostaram quando foi dada ordem pra sustar a partida do caminhão. Mas ao saberem que era aquele o princípio do delegado, todos os que não puderam partir foram-se também aos poucos enchendo da mesma importância. A coisa chegou a exigir providências por parte da polícia, que teve que embarcar à força, pelo trem, dois ou três indivíduos, dos mais exagerados em dar tanta importância ao caso... de ficarem.

Outra dúvida que a própria polícia, no seu zelo, levantou, porém destruiu, foi quanto à detenção do companheiro de Norberto. Mas o

seu grito, na chegada, foi considerado sedicioso, e o homem como agitador.

— Como está ele?

— Ele tem estado muito quieto. (O funcionário não conhecia todas as formas da agitação.)

— Depois daquilo não falou mais. Está com o pé muito dolorido. Nem se mexe.

— É um novo gênero, apenas. Há agitadores que nem comem.

Enfim, quase tudo já se havia decidido. Mas ainda faltavam fatos importantes a considerar. Por exemplo: pra onde remeter os dois homens?

Todo o mundo participou do jogo de opiniões que se feriu no gabinete do delegado. E ficou estabelecido que eles fossem transferidos pra qualquer parte, desde que constituíam um tesouro — sim! — mas que nas mãos das autoridades locais permaneceria tecnicamente inaproveitado. E despacharam os indivíduos pra Florianópolis. 

perfil

dyonélio machado

Dyonélio Machado (1895-1985) foi um dos mais originais e talentosos escritores brasileiros. Nascido em Porto Alegre, estudou Medicina e especializou-se em psiquiatria, profissão que exerceria por muitos anos.

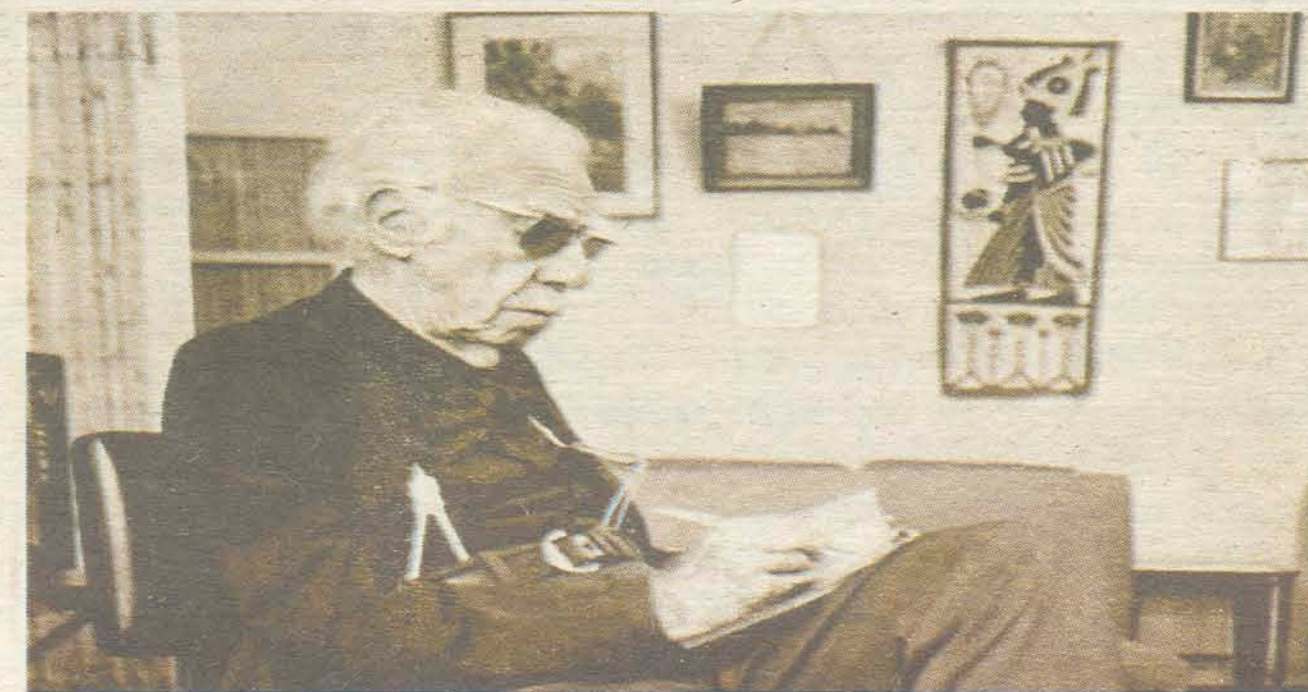
Seu romance mais destacado é, sem dúvida, *Os ratos*, publicado em 1935. Nessa pequena e brilhante obra, Dyonélio Machado explora uma situação aparentemente pouco significativa para traçar um retrato penetrante e visceral dos dilemas e angústias de um homem comum na Porto Alegre da década de 1930.

Certa manhã, o leiteiro ameaça suspender a entrega diária de leite à família de Naziazeno se a dívida atrasada não for paga até o dia seguinte. Como Naziazeno e a esposa têm uma criança ainda bebê, o ultimato do leiteiro adquire um aspecto sombrio e dramático e coloca o protagonista na posição de quem precisa salvar a vida do próprio filho. Assim, ao longo de todo aquele dia, Naziazeno se envolve em um sem fim de situações absurdas, dramáticas, às vezes ridículas, que fazem o leitor sentir como se fosse ele próprio quem estivesse experimentando os acontecimentos.

O segundo romance de Dyonélio Machado — *O louco do Cati*, de 1942 — acabou gerando uma trilogia — com *Desolação* (1944) e *Passos perdidos* (1946). Devido à sua filiação ao Partido Comunista e à sua atuação no contexto dos turbulentos anos da década de 1930, Dyonélio



Dyonélio Machado em dois momentos bem diferentes de sua vida: na prisão, em 1935, e no seu apartamento de Porto Alegre, no ocaso da vida.



foi preso duas vezes. Foi durante a viagem para a prisão do Rio de Janeiro, que o escritor soube que *Os ratos* havia recebido o prêmio Machado de Assis. Com o golpe de Estado de 1937 e a instauração da ditadura do Estado Novo, decidido a não se deixar prender novamente, Dyonélio empreende uma fuga, durante a qual percorre o litoral gaúcho e catarinense (naquela época bastante despovoado) com o nome falso de Paulo Martins.

Essa experiência deve ter marcado profundamente o escritor, pois dela tirou elementos e argumentos para pelo menos três romances. Como o leitor verá no trecho que publicamos, Norberto, um dos protagonistas de *O louco do Cati*, também foge da polícia sob uma identidade falsa.

Depois da publicação de *Passos Perdidos*, Dyonélio Machado passa 20 anos sem publicar nenhuma obra literária, até que, em 1966, lança

Deuses econômicos. Porém, é só a meados da década de 1970 que sua obra volta a ser lembrada, depois da publicação da quarta edição de *Os ratos* e o grande sucesso que alcança. A partir daí, são publicados vários livros que Dyonélio tinha na gaveta e relançados os que antes haviam passado sem pena nem glória. De escritor maldito, esquecido, Dyonélio Machado se converte, merecidamente, em autor de culto. Faleceu em 1985, aos 89 anos de idade.

A descrição indireta das situações e dos tipos humanos, pontuada de interrogações subjetivas que as personagens se fazem a todo momento, além da capacidade do escritor de sempre ressaltar os aspectos mais dramáticos das situações mais corriqueiras, fazem da obra de Dyonélio Machado uma das mais interessantes da literatura brasileira do século XX.

apoio cultural:

ES CONTABILIDADE
EDIO SILVEIRA
☎ (48) 3522 0034 ☎ 98444 0521

Dr. Ivan Holsbach
Pediatra
(CREMESC 2390)
☎ 99985-1495
☎ 3524-2483
Centro - Araranguá

SmartCell
Assistência técnica especializada
☎ 48 988448159
Bem em frente à prefeitura
de Araranguá
📱 @smartcellararangua

Maisa Melo
hipnoterapeuta
📱 maisamelo_hipnoterapeuta
☎ 99625 1337

alcidino
JOALHERIA E ÓTICA
☎ 3524-1633

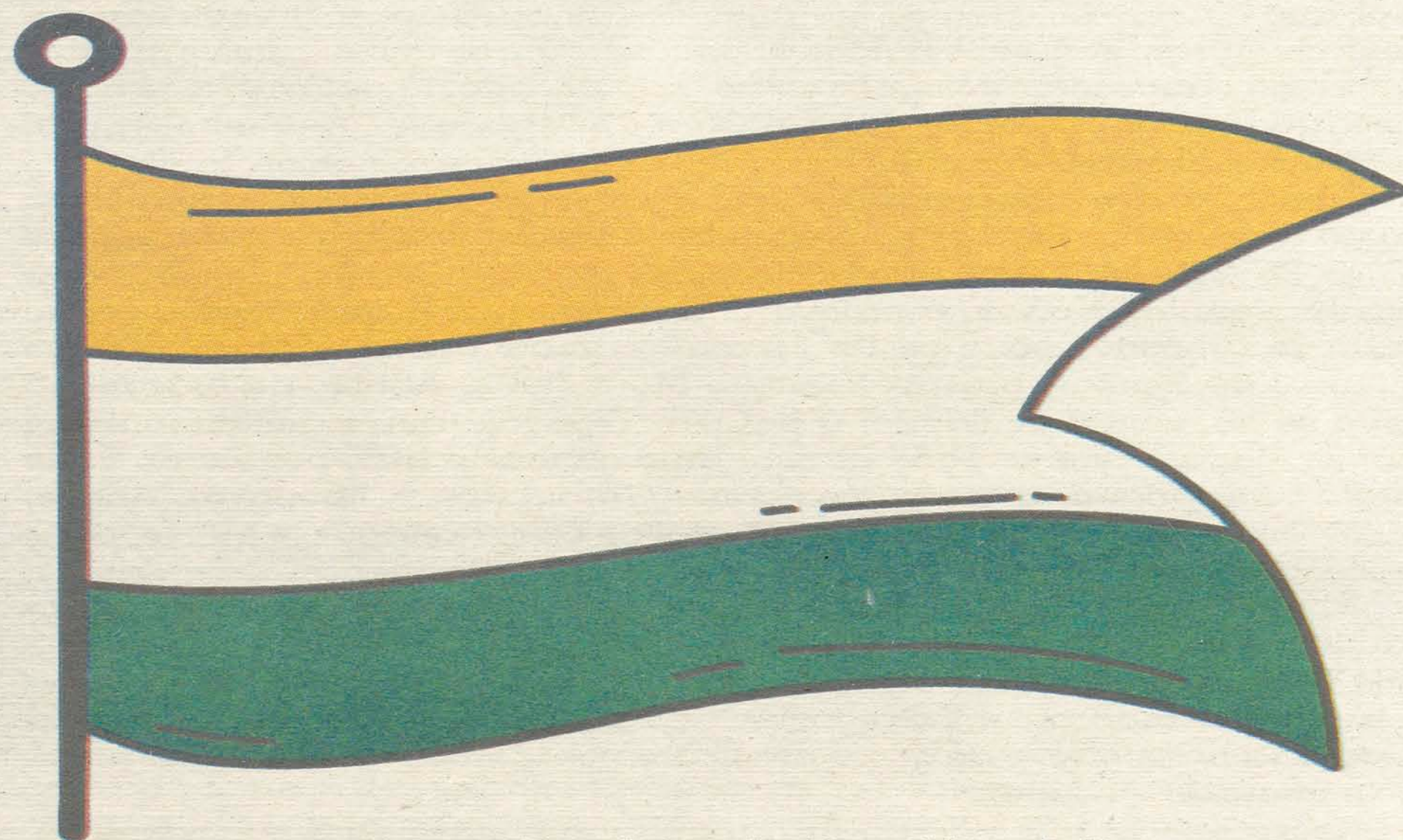
história

ata da declaração de independência do estado livre catarinense (1839)

A Revolução Farroupilha (1835-1845), já nos seus inícios, expandiu sua ação ao território catarinense, onde contava com vários simpatizantes e apoiadores. Seu raio de ação efetivo, porém, limitou-se aos municípios de Lages e Laguna. Este último, recordemos, ocupava todo o território desde a Vila de Laguna até o rio Mampituba, limite com a província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

A meados de 1839, uma força comandada por David Canabarro avançava por terra em direção à Laguna. Ao mesmo tempo, por mar, navegavam o *Seival* e o *Farroupilha*, dois pequenos barcos ou "lanchões" que haviam realizado uma façanha épica, digna dos melhores romances e filmes, ao atravessar por terra, puxados por pares de bois, o trecho entre a Lagoa dos Patos e o Atlântico. Essas embarcações eram comandadas, respectivamente, por John Griggs e Giuseppe Garibaldi, dois aventureiros estrangeiros, norte-americano o primeiro, italiano o segundo.

O Farroupilha, porém, naufragou nas proximidades da barra do Araranguá, e Garibaldi perdeu parte da tripulação, entre os que se encontravam vários de seus companheiros de luta na Itália. De qualquer maneira, apesar desse trágico acidente, os rebeldes conseguiram conquistar a Vila de Laguna, depois de uma série de proezas também dignas de um grande relato. Assim, em 1839, foi proclamada a República Catarinense Livre e Independente que, por ter sido criada no mês de julho, ficou popularmente conhecida como República Juliana. No entanto, o novo Estado teve vida efêmera: em novembro do mesmo ano as tropas imperiais reconquistaram Laguna e os rebeldes se retiraram. [WSGJ]



Bandeira da República Juliana

Sessão extraordinária de 29 de julho de 1839.

— Presidência do Vereador Tenente Vicente Francisco de Oliveira.

— Achavam-se presentes seis vereadores, faltando com causa justa Antônio Joaquim Teixeira. Aberta a sessão e lida a ata da antecedente, foi seu conteúdo aprovado.

— Ano do nascimento de Nossa Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e trinta e nove, aos vinte e nove dias do mês de Julho do dito ano, nesta Vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, em as casas da Câmara, e achando-se reunidos os Vereadores abaixo assinados, presididos pelo Vereador Presidente Tenente Vicente Francisco de Oliveira, aí em observância de um ofício do Ilmo. Sr. Canabarro, Coronel Comandante em Chefe da Divisão Auxiliadora e Libertadora Rio Grandense, datada de vinte e cinco do dito mês de Julho

— declarou a Independência do Estado Catarinense, Livre e Independente, adotando o sistema Republicano Rio Grandense em todo o círculo que as Fileiras da Divisão Auxiliadora Rio Grandense têm avançado neste Município e em os mais da Província, ficando assim formado um Estado Republicano Livre Constitucional e Independente. Foram unânimes em que se expedisse proclamas a todos os Juizes de Paz das Freguesias deste Município, declarando-se da vontade unânime o que esta Câmara acaba de celebrar, e que com o maior entusiasmo se lhe dê a devida publicidade, bem como que se expeça circular a todos os eleitores da Paróquia para que no dia 4 do mês de Agosto próximo futuro se apresentem perante o Juiz de Paz da Cabeça do Termo, munidos dos seus respectivos diplomas, para este lhe marcar o dia, hora e local de reunião para a eleição do Presidente Provisório do Estado e d'aquelles que não forem presentes se expeçam os immediatos diplomas autênticos, servindo de regra para esta eleição as Instruções de 26 de Março de 1824 e as mais em vigor tendentes a este objeto; outrossim, que se expeçam as precisas ordens aos Comandantes das Guardas Nacionais, para que circulem em todo o Município e nos pontos libertados da Cidade do Desterro, a fim de procederem às precisas reuniões. Trataram mais de eu se expedissem ordens aos respectivos Juizes de Paz do Termo para que, em virtude do que o mesmo Sr. Comandante em Chefe pondera em o citado ofício respeito aos bens e fazendas das pessoas que desampararam esta Vila e mais Distritos, procedam uma arrecadação judicial, e com toda a individuação a quem pertence, nomeando depositários seguros que deles tomem conta, até decisão do Governo Provisório, que se vai criar. Deu-se então posse ao Vereador da Câmara Domingos Custódio de Souza e ao Juiz de Paz Antônio José Machado e cientificou-se aos mesmos que para o dia 4 de Agosto foram avisados os Eleitores a apresentarem seus diplomas para eleição de Presidente interino. Nesta mesma data se remetaram as proclamações acima ditas do Coronel da Divisão Auxiliadora aos Juizes de Paz dos Distritos para dar publicidade, assim mais outra desta mesma Câmara.

O Sr. Presidente houve a presente sessão por fechada, e assinaram. Eu, José Pinto dos Reis, secretário que a escrevi:

— aa) Oliveira — Andrade — Carpes — Freitas — Leal — Souza.

o primeiro [?] registro da palavra araranguá

wanderlei s. gomes junior

Quando Araranguá recebeu o seu nome? Com toda certeza, os nativos tupi, que habitavam a região litorânea de Santa Catarina quando os europeus chegaram com seus barcos por aqui, foram os que deram esse nome ao rio. Há várias interpretações sobre o significado da palavra, mas não é disso que vamos falar aqui, e sim mostrar o que pode ser o primeiro registro escrito da palavra «Araranguá» em fontes históricas existentes.

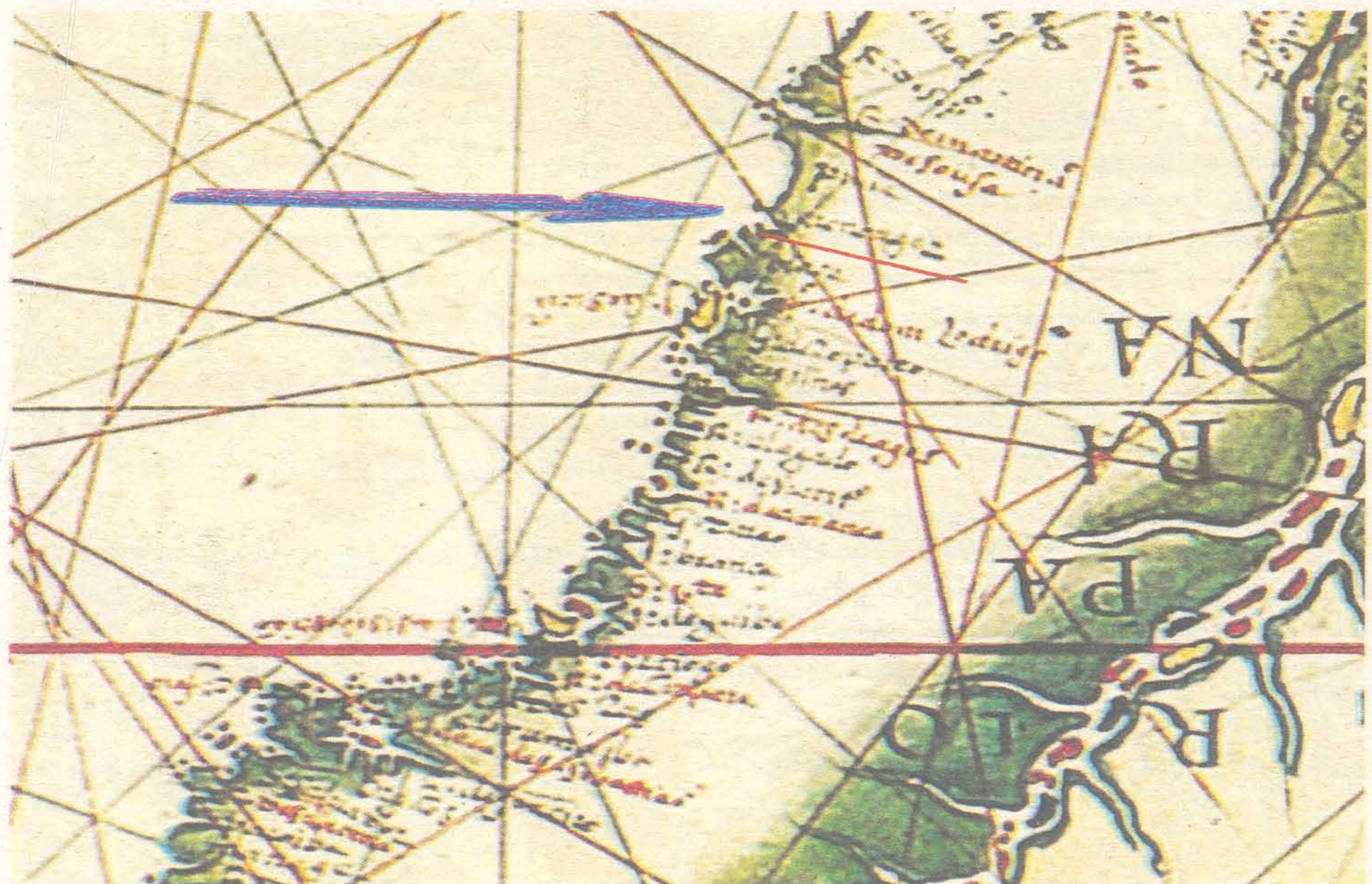
É bem possível que o mapa ao lado apresente a mais antiga referência ao rio Araranguá. Para se conseguir ler, é preciso virá-lo de cabeça para baixo. Para facilitar, recortamos, viramos e ampliamos a parte em que está escrita, com tinta preta, a palavra «Araranguá», ou «Araranga». Acima desta (no recorte) pode se ler «praia» e, mais acima, «Rio de Martin Afonso» de Sousa», provavelmente o Mampituba. Abaixo de Araranguá pode se ler, com dificuldade, a palavra «Vpava» (que significa mais ou menos «lugar onde se pode atracar uma canoa» e que, por via do latim tardio, deu origem a topônimos como Garoupaba e Itoupava). Abaixo desta, em letras vermelhas, se lê «[Porto] de Dom Rodrigo», o que revela a presença de portugueses ou espanhóis na costa catarinense.

Não se sabe a data exata da confecção deste mapa, que é uma carta náutica, mas é provável que tenha sido feito por volta de 1590. Seu autor é Luís Teixeira, importante cartógrafo português do século XVI, pai de João Teixeira Albemaz, autor, por sua vez, dos primeiros mapas detalhados da geografia brasileira, e de quem publicaremos também um mapa no próximo número de Via Lateral.

Nessa época, a foz do rio Araranguá era conhecida dos navegantes que cruzavam o Atlântico rumo ao extremo sul do continente americano ou regressavam para o norte. Para reabastecer-se de água potável e alimentos, ou mesmo para proteger-se de borrascas e tempestades, os ousados marinheiros daqueles tempos precisavam muitas vezes atracar e se aventurar terra adentro.

O continente era ainda um mundo completamente desconhecido e hostil, sobre o qual se contavam histórias fabulosas de gigantes antropófagos capazes de devorar um ser humano com algumas dentadas, de monstros alados, mistura de peixe e ave, grandes rios e mares internos onde as Amazonas se banhavam... E, também de inesgotáveis minas de ouro e prata e pedras preciosas, que era de fato o que movia os primeiros aventureiros.

Do contato com os habitantes nativos reais, que de maneira geral não costumavam almoçar seus semelhantes e fisicamente eram muitíssimo parecidos a qualquer pessoa, os navegantes aprendiam muitas coisas, entre as quais os nomes de lugares, que anotavam cuidadosamente em suas cartas e diários de navegação, tratando de estabelecer as longitudes e latitudes, o que depois servia aos cartógrafos para elaborar esses fantásticos mapas que, sem dúvida, são obras de arte de primeira magnitude.



adeus salzburg: a primeira morte de stefan zweig

mauro souza ventura

Salzburg, fevereiro de 1934. Acomodado numa cabine de primeira classe, o escritor austríaco Stefan Zweig observa pela janela do trem a esfuziante paisagem alpina, que ele intui estar vendo pela última vez. Está de partida para Londres e, à medida em que as montanhas e os vales vão ficando para trás, Zweig conclui, com tristeza, que não pode mais morar numa cidade e num país que estão ameaçados pela sombra do autoritarismo, e onde não se pode mais ser livre.

Em fevereiro de 1934, Viena, a capital do antigo império austro-húngaro, está tomada pela guerra civil. Militantes socialdemocratas, encastelados nos blocos residenciais populares, construídos durante a "Viena Vermelha", como ficou conhecida a administração socialdemocrata da cidade, enfrentam as forças do governo. Após três dias de resistência, as milícias de esquerda são sufocadas com violentos ataques de canhões e das forças de infantaria, deixando um saldo de cerca de mil mortos e a destruição da torre central do magnífico Karl-Marx-Hof, símbolo maior da "Viena Vermelha".

Assim como boa parte dos vienenses, Stefan Zweig não ouve o barulho dos canhões nem os gritos da batalha. Por certo estava na ópera, enquanto seus compatriotas eram mortos por ordem do então chanceler Engelbert Dollfuss (1892-1934), que está prestes a instalar seu governo autoritário. Na manhã seguinte, o encanto lírico da ópera da noite anterior cede lugar às batidas na porta de sua casa em Viena. Policiais civis cumprem ordem da *Heimwehr* e revisitam tudo em busca de armas. Nada encontram: Zweig não é nem vermelho, nem negro, não é de esquerda, nem de direita. Mas o estrago está feito: faz as malas rapidamente, empacota seus livros, manuscritos, junta suas anotações e segue para Salzburg.

Mas lá, na sua amada Salzburg, a violência do antissemitismo e da perseguição política, que ele presencia em Viena, também está presente. Na rua, as pessoas passam por ele fingindo que não o conhecem, para não se comprometer. Humanista, pacifista, defensor das liberdades, ele agora é *persona non grata*.

Seu projeto atual é escrever um ensaio sobre Erasmo, o humanista "que foi submetido sob



Tropas nazistas entrando em Salzburg.
Fotografia: Fotoarchiv Franz Krieger, Magistrat der Stadt Salzburg.

Lutero às mesmas afrontas que os alemães humanistas de hoje sob Hitler", escreve ele em carta ao amigo e escritor alemão Klaus Mann (1906-1949).

Humanista e pacifista, Zweig jamais deixou de sonhar com a paz para o mundo. Foi pensando nisso, talvez, que tenha escolhido morar em Salzburg, essa pequena e antiga cidade austríaca, terra natal de Mozart, cujas belas casinhas e vielas medievais se espalham a partir do rio Salzach. Localizada no meio de um bosque, com carvalhos de mais de quatrocentos anos, que no inverno são castigados pelo vento seco que sopra dos Alpes e pela neve, a casa de Zweig tem uma bela vista da cidade lá embaixo. O local é íngreme e sombrio, pois o sol chega escasso no *Kapuzinerberg*, onde habitam, desde o século XVI, os monges capuchinhos que lhe deram o nome: montanha dos capuchinhos.

Para chegar até a casa de Zweig, era preciso percorrer um caminho íngreme, com degraus de pedra construídos no século XVII para facilitar a subida, e que à noite, os capuchinhos ilumina-

vam com lanternas para guiar os peregrinos. Um de seus biógrafos, a francesa Dominique Bona, conta que em Salzburg o escritor gostava de se sentir um habitante do Tirol, ao vestir sua "calça de couro tirolesa, com os suspensórios bordados com a *edelweiss* (a flor conhecida como pé-de-leão, que virou nome de uma canção no filme *A noviça Rebelde*) e as compridas meias de lã".

Este tirolês de salão, como disseram alguns, é, na verdade, um grande anfitrião. Em sua casa do *Kapuzinerberg* ele recebe escritores, músicos e compositores. "Convida-os a almoçar ou tomar chá, oferece-lhes algumas recepções de que Salzburg guardará lembrança por muito tempo", escreve a biógrafa. Afinal, a amizade é o bem supremo para ele. "Não conheço ninguém que cultue a amizade de modo mais profundo e fervoroso que Zweig. A amizade é sua religião", escreveu o escritor francês e amigo Romain Rolland (1866-1944).

Foi nesta casa que o escritor austríaco passou, talvez, os melhores momentos de sua vida: lendo, escrevendo, preparando palestras e artigos,

apoio cultural:

Colégio

MURIALDO

A EDUCAÇÃO
DO CORAÇÃO

MULTIPLICA
O BEM



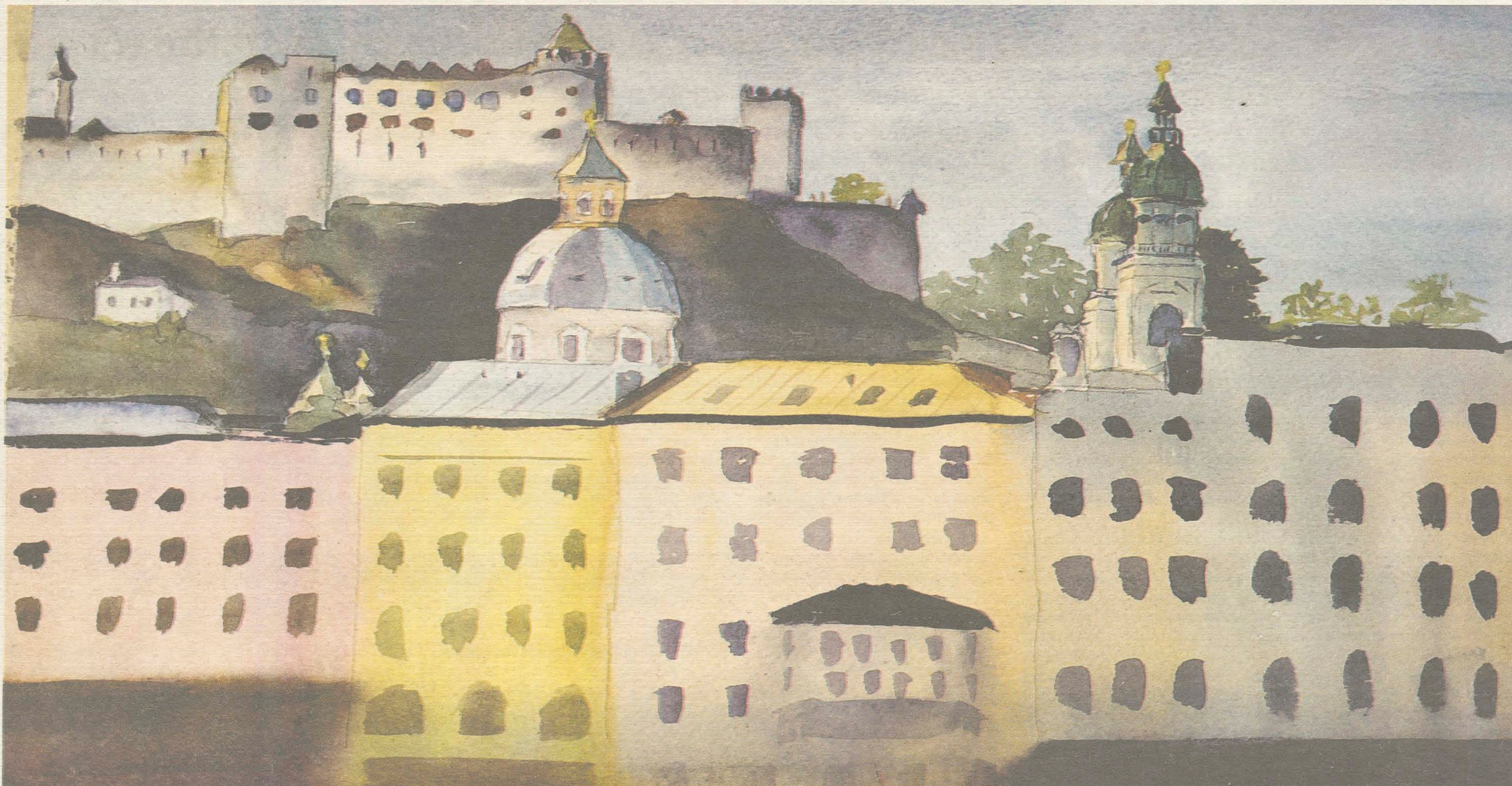
Cursinho

MURIALDO

Redação e Linguagens

48 99985 3618

@ f colegiomurialdoararangua



Salzburg, aquarela de Sandra Beck

recebendo amigos. Até que chegará o dia em que os nazistas vão invadir e esvaziar sua casa da montanha dos capuchinhos.

Os quinze anos em que morou em Salzburg foram os mais produtivos. Lá, ele viveu com a primeira mulher, Friedrich, e as duas filhas, e planejou escrever uma obra que o tornaria um dos mais famosos escritores da Europa. Sua produção literária inclui biografias de autores como Dostoiévski, Dickens, Balzac, Tolstói e Stendhal, entre outros. Escreveu também vários romances, como "Amok", "Angústia" e "Vinte quatro horas na vida de uma mulher". Deixou ainda inúmeros ensaios, como o fundamental "A cura pelo espírito". Seus romances foram adaptados para o teatro, o cinema e até televisão.

Stefan Zweig gostava muito de viajar, e se sentia em casa na França, na Inglaterra, na Alemanha e até no Brasil, para onde se mudou em agosto de 1940, fugindo de uma Europa que já estava nas mãos de Hitler. Aqui, ele viveria até 1942, quando, em 22 de fevereiro, decidiu tirar a própria vida, juntamente com sua esposa, Lotte, na cidade de Petrópolis.

O motivo de atitude tão trágica era o rumo tomado pela Europa, mergulhada na intolerância e no autoritarismo. Humanista, defensor da paz e da liberdade, o cidadão do mundo Stefan Zweig já não podia voltar para sua pátria, a Áustria. E muito menos para a amada Salz-burg, onde sua casa, no alto da montanha dos capuchinhos, tinha agora como

vizinhos não os pacatos monges, mas as tropas nazistas. Pois aquele trágico mês de fevereiro de 1934 em que olhava pela janela do trem as montanhas e os vales dos Alpes significou, para Stefan Zweig, sua primeira morte.

Mauro Souza Ventura é jornalista, doutor em letras pela USP e professor de jornalismo da UNESP

apoio cultural:



Ricardo
JÓIAS & ÓTICA

☎ 99833 9796

Av. Getúlio Vargas, 191



desigualdade e distribuição da riqueza mundial

ladislau dowbor

A violência contra o planeta não se limita ao plano ambiental. No plano social, segundo o Banco Mundial, a pobreza diminuiu em cerca de 1 bilhão de pessoas nas últimas décadas, o que representa um grande avanço, ainda que o critério de 1,90 dólar por dia seja absurdamente baixo. Deste 1 bilhão, 700 milhões são chineses. É um progresso, sem dúvida.

No conjunto, porém, a realidade é que não enfrentamos o desafio do desenvolvimento equilibrado e inclusivo. E muito menos a desigualdade. O próprio Fórum Econômico Mundial ressalta, em 2017, que "no decorrer dos últimos anos, emergiu um consenso mundial da necessidade de uma abordagem mais socialmente inclusiva na geração do crescimento econômico. No entanto, o crescimento inclusivo e o desenvolvimento continuam sendo apenas uma esperança.

Não há nenhuma razão objetiva para os dramas sociais que vive o mundo. Se arredondarmos o PIB mundial para 80 trilhões de dólares, chegamos a um produto *per capita* médio de 11 mil dólares. Isto representa 3.600 dólares por mês por família de quatro pessoas, cerca de 11 mil reais por mês. É o caso também no Brasil, que está exatamente na média mundial em termos de renda. Não há razão objetiva para a gigantesca miséria em que vivem bilhões de pessoas.

Na realidade, a desigualdade atingiu níveis obscenos. Quando oito indivíduos são donos de mais riqueza do que a metade da população mundial, enquanto 800 milhões de pessoas passam fome, francamente, achar que o sistema está dando certo é prova de cegueira mental avançada. Essas oito famílias donas de fortuna produziram tudo isso? Ou simplesmente montaram um sistema de apropriação de riqueza por meio de papéis? E como isto é possível? São donos de papéis financeiros que rendem.

Um amplo estudo do Banco Mundial, *Voices of the Poor* [Vozes dos pobres], ajudou bastante ao mostrar que basicamente quem nasce pobre permanece pobre e que quem enriquece é porque já nasceu bem. É a chamada armadilha da pobreza, a *poverty trap*, igualmente chamada de pobreza estrutural: a pobreza realmente existente simplesmente trava as oportunidades para dela se libertar. Como estuda uma criança numa casa sem eletricidade? Como se guardam remédios ou alimentos? Com Amartya Sen, passamos a entender a pobreza como a falta de liberdade de escolher a vida que se quer levar, como a privação de opções.

A concentração de renda é absolutamente escandalosa e nos obriga a ver de frente tanto o

problema ético, da injustiça e dos dramas de bilhões de pessoas, como o problema econômico, porque excluimos pessoas que poderiam estar vivendo melhor, contribuindo de forma mais ampla com sua capacidade produtiva e, com sua demanda, dinamizando a economia.

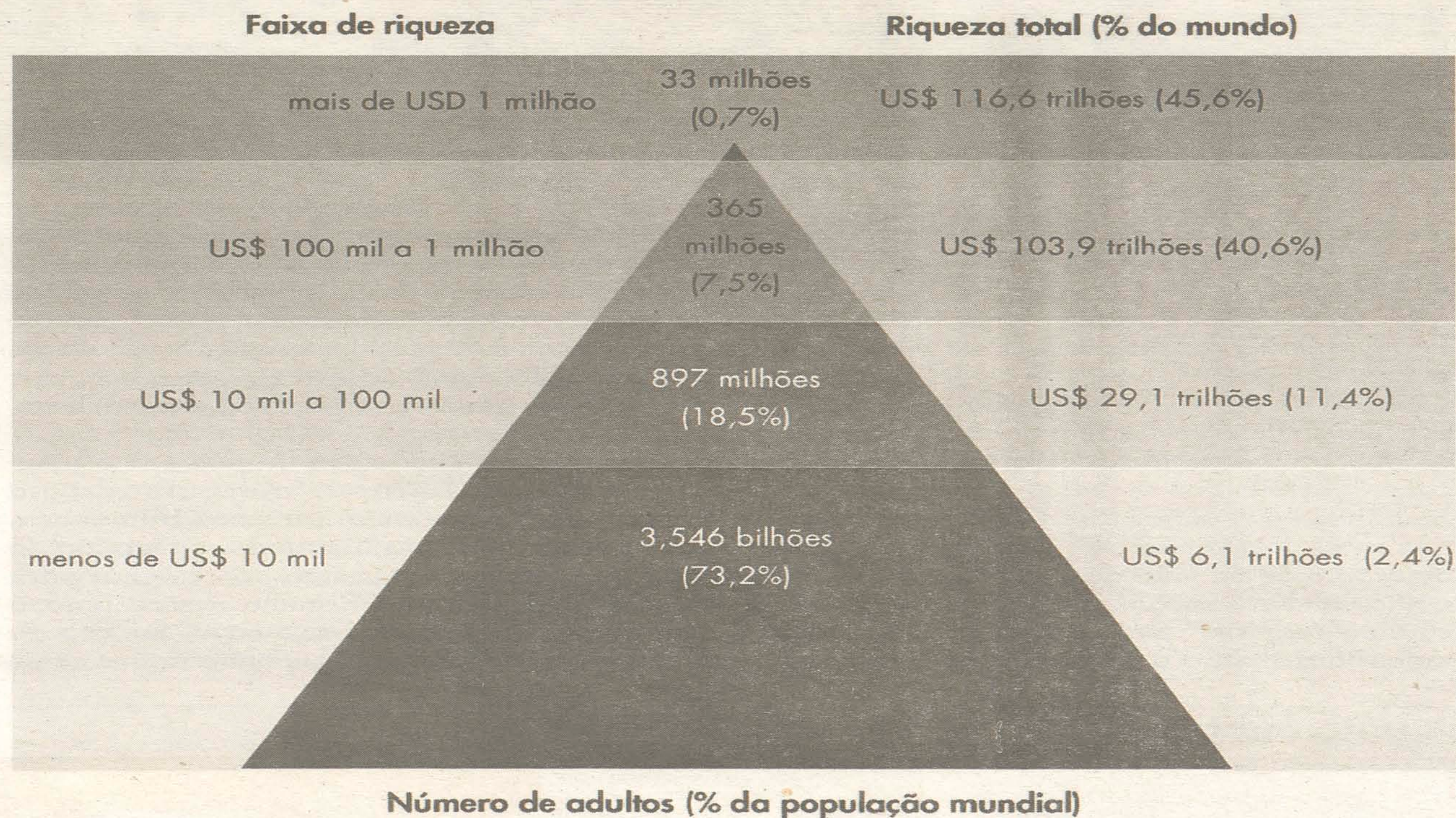
Não haverá tranquilidade no planeta enquanto a economia for organizada em função de 1/3 da população mundial. Até quando iremos culpar os próprios pobres pela sua pobreza, pretensa falta de esforço ou iniciativa, sugerindo indiretamente que a riqueza dos ricos resulta de dedicação e merecimento? A desigualdade é fruto de um sistema institucionalizado cuja dinâmica estrutural precisa ser revertida. Os ricos, por seu lado, têm uma impressionante propensão a achar que são ricos por excepcionais qualidades próprias. Não faltam discursos econômicos para louvar esta sabedoria.

Os dados abaixo fazem parte da pesquisa do grupo financeiro suíço Crédit Suisse, instituição insuspeita de antipatia para com os ricos.

A pirâmide da riqueza mundial (quadro abaixo)

A leitura da pirâmide é simples. No topo, os adultos que têm mais de um milhão de dólares são 33 milhões de pessoas, o equivalente a 0,7% do total de adultos no planeta. Somando a riqueza de que dispõem, são 116,6 trilhões de dólares, o que representa 45,6% dos 256 trilhões da riqueza avaliada. É importante lembrar que as grandes fortunas desta parte de cima da pirâmide não são propriamente de produtores, mas de gente que lida com papéis financeiros, fluxos de informação ou intermediação de *commodities*. O topo da pirâmide é particularmente interessante e composto pelos chamados *ultra ricos* (*ultra high net worth individuals*). Se ampliarmos o 0,7% mais ricos para 1%, constatamos que este 1% tem mais riqueza do que os 99% restantes do planeta. Note que parte importante das grandes fortunas não aparece por estar em paraísos fiscais, como salienta James Henry, do *Tax Justice Network*.

Distribuição mundial da riqueza



Fonte: James Davies, Rodrigo Lluberas e Anthony Shorrocks, Credit Suisse Global Wealth [https://goo.gl/NBgok]

apoio cultural:



Diana Gomes
Psicóloga
CRP 12/01403

atendimento online
(48) 99928 5460



ABIMAR
SUPERMERCADOS
VAREJO E ATACADO



A Oxfam resume a situação herdada e em fase de agravamento: "Embora lideranças mundiais tenham se comprometido a alcançar o objetivo global de reduzir a desigualdade, o fosso entre os ricos e o restante da sociedade aumentou. Essa situação não pode ser mantida. Como o presidente Obama afirmou, no seu discurso de despedida na Assembleia Geral da ONU em setembro de 2016, "Um mundo no qual 1% da humanidade controla uma riqueza equivalente à dos demais 99% nunca será estável". No entanto, a crise de desigualdade global continua inabalável:

Desde 2015, o 1% mais rico detinha mais riqueza que o resto do planeta. Atualmente, oito indivíduos detêm a mesma riqueza que a metade mais pobre do mundo.

Ao longo dos próximos 20 anos, 500 pessoas passarão mais de US\$ 2,1 trilhões para seus herdeiros - uma soma mais alta que o PIB da Índia, que tem 1,2 bilhão de habitantes.

A renda dos 10% mais pobres aumentou cerca de US\$ 65 entre 1988 e 2011, enquanto a do 1% mais rico aumentou cerca de US\$ 11.800, ou seja, 182 vezes mais (Oxfam, 2016, p.2).

A concentração de renda e de riqueza no planeta atingiu níveis absolutamente obscenos. A financeirização dos processos econômicos há décadas se alimenta da apropriação dos ganhos de produtividade, essencialmente possibilitados pela revolução tecnológica, de forma radicalmente desequilibrada.

O mecanismo é descrito de maneira particularmente competente por Gar Alperovitz e Lew Daly, no pequeno livro *Apropriação Indébita: Como os Ricos Estão Tomando a Nossa Herança Comum*. Os autores lembram que se não fossem as tecnologias desenvolvidas durante e após a II Guerra Mundial, como o computador, o transistor e outras inovações, um Bill Gates ainda estaria brincando com tubos catódicos na sua garagem. Os avanços tecnológicos são planetários e da sociedade em geral, mas a apropriação é concentrada. Os autores desenvolvem o conceito de "renda não merecida".

A nossa principal medida de progresso, o PIB, não mede nem o desastre ambiental nem o drama social. Não contabiliza o que se produz, nem a quem vai o produto, nem a redução do capital natural do planeta, além de contabilizar como positiva a poluição que exige grandes programas de recuperação. Na realidade, o PIB apresenta apenas a média nacional de intensidade de uso da máquina produtiva.

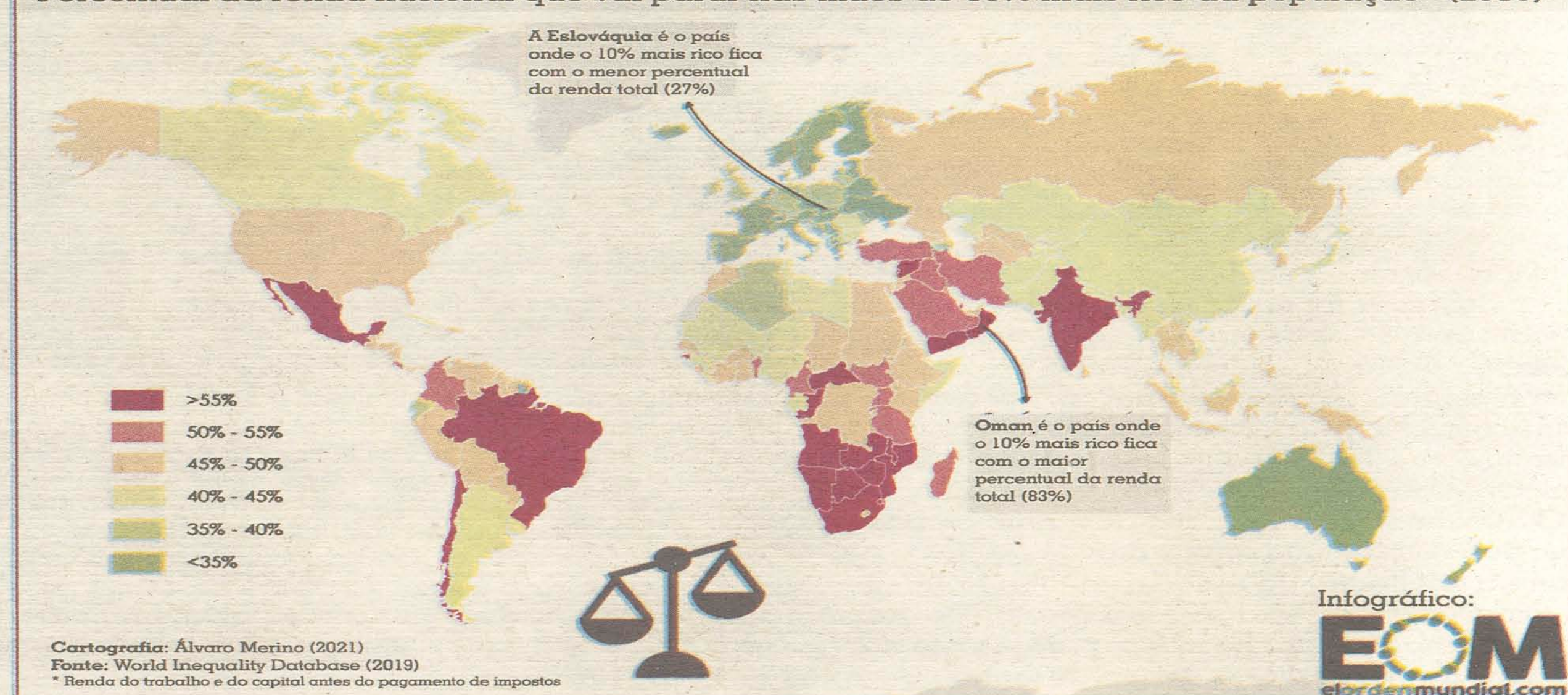
Um sistema em que o eixo de motivação se limita ao lucro, sem precisar se envolver nos impactos ambientais e sociais, fica preso na sua própria lógica. Tem tudo a ganhar com a extração máxima de recursos naturais e a externalização de custos, e nada a ganhar produzindo para quem tem pouca capacidade aquisitiva. A motivação do lucro a curto prazo age tanto contra a sustentabilidade como contra o desenvolvimento inclusivo. A deformação é sistêmica. É o

próprio conceito de governança corporativa que precisa ser repensado. As regras do jogo precisam mudar. Não se sustenta mais a crença de que se cada um buscar as suas vantagens indivi-

duais o resultado será o melhor possível. Não há como escapar da necessidade de resgatar a governança do sistema. E a janela de tempo que temos para fazê-lo é cada vez mais estreita.

Concentração da riqueza

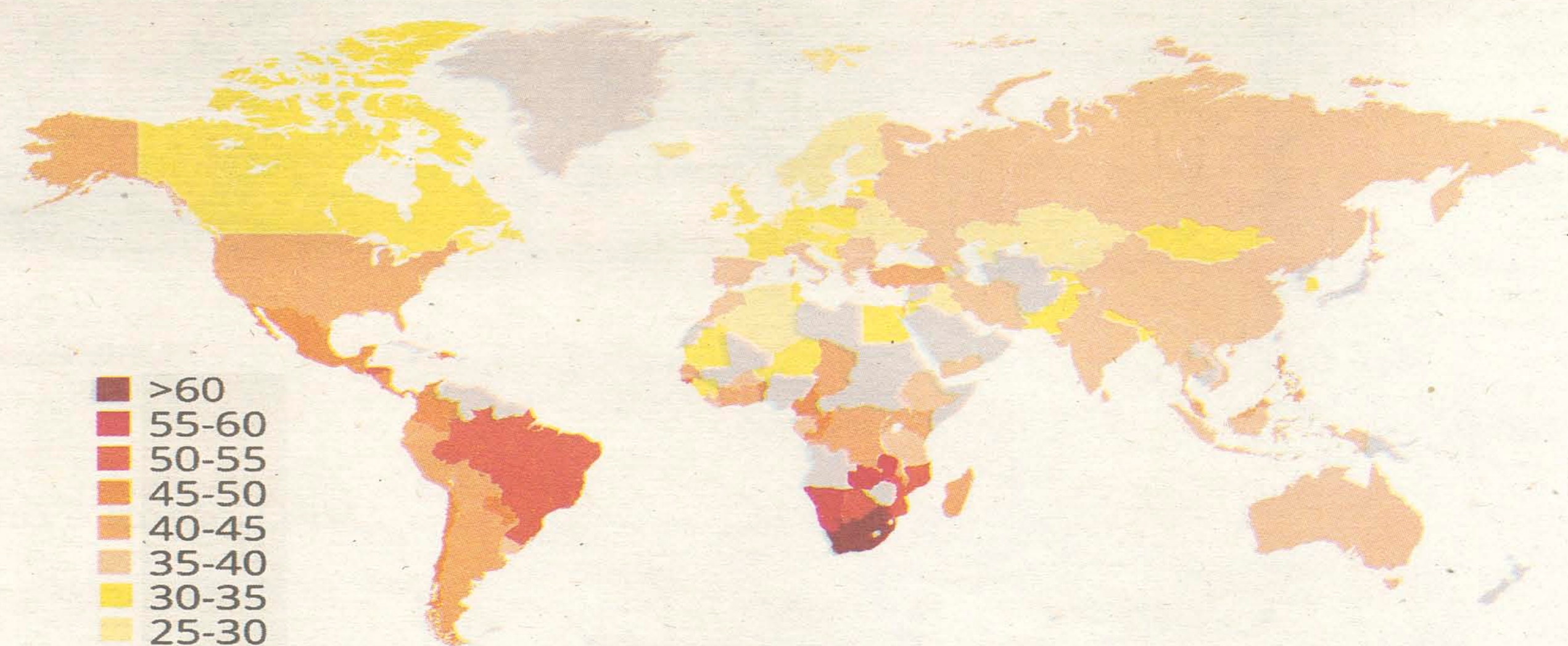
Percentual da renda nacional que vai parar nas mãos do 10% mais rico da população* (2019)



O mapa da desigualdade

Coeficiente de Gini

0 = Igualdade econômica total; 100 = Desigualdade econômica total



Estimações. Últimos dados disponíveis: 2010-2017.
Fonte: Banco Mundial

Infográfico: **statista**

Ladislau Dowbor é economista, professor e escritor brasileiro, conhecido por suas contribuições nas áreas da economia, desenvolvimento sustentável e globalização. Possui uma longa trajetória acadêmica e tem sido uma voz crítica em relação a questões econômicas e sociais. Dowbor é formado em economia pela Universidade de São Paulo (USP) e obteve seu doutorado em Ciências Econômicas na Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, na Polônia. Também é professor titular no Departamento de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Além de sua atuação acadêmica, Ladislau Dowbor é autor de diversos livros e artigos, nos quais aborda temas como globalização, econo-

mia solidária, finanças internacionais e desenvolvimento sustentável. É conhecido por sua perspectiva crítica em relação às dinâmicas econômicas globais, defendendo alternativas que promovam a equidade social e ambiental. Dowbor já trabalhou como consultor para organizações internacionais, como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), entre outras. Seu engajamento em questões sociais e ambientais contribuíram para acentuar sua relevância no cenário intelectual brasileiro. O texto que reproduzimos nestas páginas foi retirado de seu livro *A era do capital improdutivo* (segunda edição), São Paulo, Autonomia Literária, 2018.

é sobre isso

corredor da morte, ou da vida

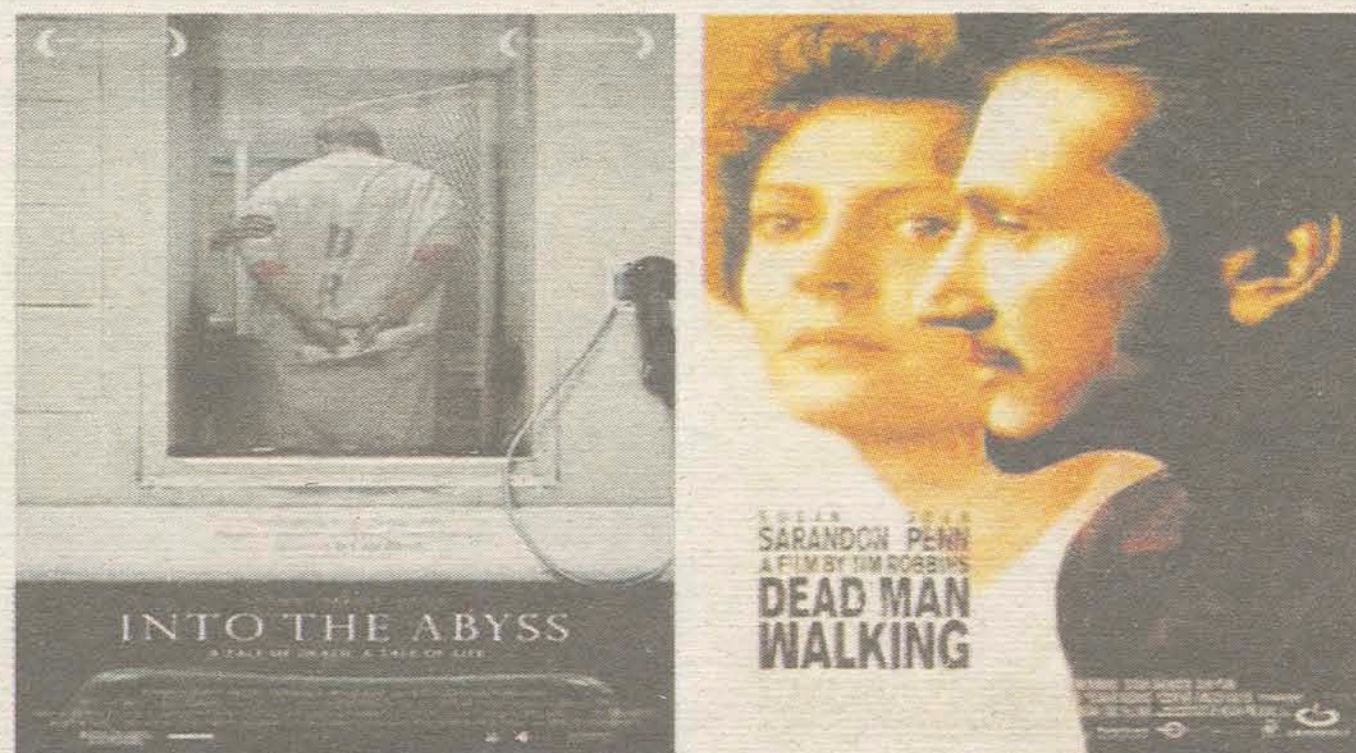
léia batista

Tempos atrás, assisti a um filme sobre a história de um homem que foi condenado à pena de morte injustamente. O filme, como você pode imaginar, traz um roteiro comum a esse tipo de drama: alguém por fora das grades tentando provar a inocência do condenado.

Contudo, não foi o roteiro e nem a direção do filme o que me trouxe até aqui, mas sim uma cena específica, a conversa entre o homem que está prestes a morrer e a mulher que tenta salvá-lo. O que me inspirou foi uma fala do condenado que diz mais ou menos assim (em uma interpretação impecável do ator): "Não me traga mais expectativa e esperança. Já tentei por tantas vezes... E sempre que elas não acontecem eu sofro demais". Há tanto o que se interpretar nessa frase que uma crônica só não basta. Então, fiquemos no filme.

O homem, jovem, na casa dos trinta e poucos anos, depois de muito tentar provar ser inocente, prefere a aceitação da morte a sentir a dor de ter sua expectativa frustrada mais uma vez. De quantas pessoas, que não se encontram no corredor da morte, você já testemunhou algum tipo de desistência? Quantas pessoas, depois de tentar por várias vezes alcançar algo que desejam, idealizam, querem muito, entregam-se à má sorte e se acomodam por medo de sofrer outra vez a dor da decepção?

O homem por trás das grades se enchia de esperança cada vez que a advogada tentava provar sua inocência. A esperança lhe trazia ânimo,



Dois filmes que tratam da pena de morte: o documentário de Werner Herzog *Into the Abyss* (No abismo), de 2011, e *Dead Man Walking* (no Brasil: *Os últimos passos de um homem*), de 1995, drama dirigido por Tim Robbins e protagonizado por Sean Penn e Susan Sarandon, que ganhou o Oscar de melhor atriz por sua brilhante atuação.

motivação, vida... E, quando a esperança acabava dando em nada, ele morria por dentro.

No filme, o homem morreria de verdade; contudo, na vida, também morremos várias vezes emocionalmente. A dor de perder a esperança e frustrar as nossas expectativas nos mata um pouquinho a cada vez. No filme, ele não tinha uma saída; na vida sempre há. No filme, havia uma única pessoa do outro lado do vidro a visitá-lo, ouvi-lo, acalmá-lo, defendê-lo... Na vida, com sorte, teremos algumas poucas pessoas dispostas a gastar o seu tempo nos apoiando, nos ouvindo, nos defendendo...

Simplificando: no corredor da morte ou da vida, nos decepcionaremos e morreremos muitas vezes. A

diferença está em poder abrir a porta (ou pular a janela), sair do comodismo e recomeçar tudo de novo sempre. No filme, ele não pode.

Léia Batista é escritora, diretora e professora de teatro

apoio cultural:

Em qualquer estação,
economizar água
é a solução.

Ambientalmente correta,
economicamente viável
e socialmente responsável.

Economize água!



Conserte os vazamentos.



Tome banhos rápidos de chuveiro.



Desligue a torneira ao escovar os dentes.



Reutilize a água.



Utilize a máquina de lavar no nível alto.



SAMAE
ARARANGUA



MUNICÍPIO DE
ARARANGUA
Terra nossa

www.samaeararangua.com.br



Quer apoiar Via Lateral?
Esse exemplar é gratuito, mas você
pode contribuir pagando por ele.



Via Lateral é arte, é história, é cultura, é educação!
R\$: 10,00

via lateral
☎ (48) 99130-1355

via_lateral
revistavialateral

Siga nossas páginas nas redes sociais e
ajude a divulgar essa iniciativa cultural.

via lateral n° 27
circula a partir de dezembro de 2023

Edição e arte: Wanderlei S. Gomes Jr. / Colaboram neste número: Léia Batista, Ladislau Dowbor, Wanderlei S. Gomes Jr., Luna Stella, Mauro Souza Ventura / Artistas e pensadores homenageados: Dyonélio Machado / As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente a opinião do jornal. / As matérias não assinadas são de autoria da redação.

tá ligado?

via lateral kids & teen [n. 5]



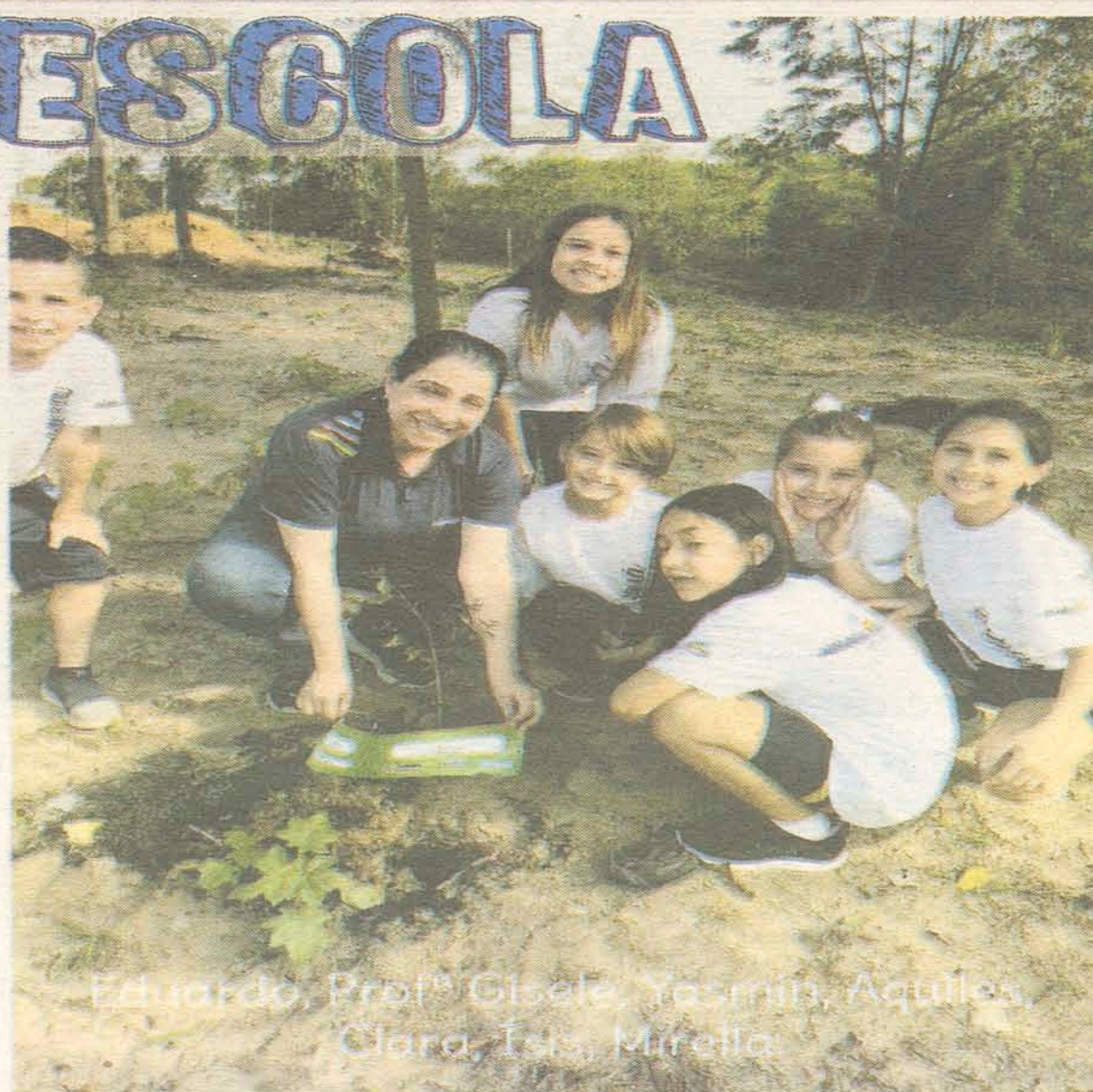
Da esquerda para a direita: encostadas no mural: Paloma, Ísis Porto, Yasmim, Clara, Bianca, M^a Clara, Mirella; na frente: Eduardo, Aquiles, Ana Júlia, Dhuly.

TA LIGADO NA ESCOLA

ALUNOS DO 4º ANO, PROFESSORA GISELE SILVA MARTINS,
ESCOLA B.M. ADELINA MARIA SILVANO SOARES (ARARANGUÁ)

A escola Adelina Maria Silvano Soares esteve presente no último dia 21 de setembro nas homenagens ao dia da árvore no Parque Belinzoni. A escola plantou uma árvore e registrou esse momento para divulgá-lo no Via Lateral. Segundo a professora Gisele, a coluna Tá Ligado é a preferida da turma do quarto ano. Os alunos gostariam de interagir, vendo suas fotos desse dia tão legal publicadas no espaço Tá Ligado Na Escola.

Nota: Infelizmente, por causas alheias à nossa vontade, Via Lateral não pode ser publicado nos meses de outubro e novembro. Pedimos desculpas aos nossos leitores, com a esperança de que isso não volte a acontecer.



Eduardo, Prof^a Gisele, Yasmim, Aquiles, Clara, Ísis, Mirella



Raissa, Dhuly, Yan



Yasmim, Ana Júlia, Prof^a Gisele, Aquiles, Paloma, Mirella, Eduardo, Clara, Dhuly, Bianca, M^a Clara, Ísis

Uma noite muito estranha

Um conto de Léia Batista

Era noite de halloween, e Pedro resolveu bater de casa em casa da vizinhança para pedir doces. Estava um pouco chateado porque os amigos não toparam a ideia e preferiram ficar em casa se divertindo pelo celular. Não que ele tivesse medo de sair sozinho na noite de halloween pelo bairro onde morava, pois além de ser um local seguro, ele se considerava um menino corajoso. Porém, achava sem graça fazer travessuras sozinho, caso alguém não lhe desse doces e ainda batesse com a porta em sua cara.

Pedro estava fantasiado de Conde Drácula, o famoso personagem de histórias de terror, e passava pelo parquinho quando ouviu gritos. Procurou no escuro para ver de onde vinha aquela voz e viu, em cima de um banco, uma bruxa olhando para baixo e gritando:

— Socorro! Socorro!

Pedro se aproximou meio desconfiado e perguntou:

— O que foi, o que está acontecendo?

— Ali, ali! — gritava a bruxa, apontando para baixo do banco.

— Ali onde? O quê? Quem? — Pedro perguntava aflito, pois não via nada embaixo do banco.

— Uma barata! Uma barata!!!

— Nossa, você me dá um susto desse só por causa

de uma barata? — Pedro se sentou no banco para acalmar o coração que tinha ficado acelerado.

— Só por causa de uma barata?! Ela é horrível! E também é muito rápida, e ainda voaaaa! — a bruxa continuava em pé em cima do banco falando muito alto, de tão apavorada que estava.

— Nunca vi uma bruxa com medo de barata! — Pedro respondeu, achando aquilo muito engraçado.

— Ah é, valentão, e por acaso você conhece outra bruxa, além de mim? — perguntou a bruxa, que de muito assustada virou muito zangada.

— Não, não conheço... mas achei que todas as bruxas amassem baratas. — respondeu Pedro, escondendo o riso.

— Mas eu não sou todas as bruxas! Sou bruxa mas sou limpinha! E baratas são muito nojentas!

— Tá bom, só porque você é uma boa bruxa, deixe que eu acabo com a bichinha.

Pedro desamarrou o tênis e o tirou do pé, afinal ainda não inventaram nada mais mortal contra os insetos do que os calçados. Se abaixou e mirou todos os cantos debaixo do banco.

— Ué, ela sumiu! — disse o menino, se levantando.

— Tá vendo! Ela é que deve ser

uma bruxa! Ela simplesmente desaparece diante dos nossos olhos — gritou a bruxa, apavorada.

— Oi, desculpem me meter, mas não pude deixar de ouvir os gritos.

A bruxa e o menino estavam tão distraídos, procurando a barata, que nem notaram que havia chegado mais alguém no parquinho. Depois do susto, viram que se tratava de uma gata muito fofa.

— Desculpe pela gritaria, mas é que eu estava apavorada — disse a bruxa toda envergonhada.

— Não precisa se desculpar, eu entendo você, mesmo que os gatos não tenham medo de baratas — respondeu a gata sorrindo.

— Você já viu como elas correm? — disse a bruxa, com cara de nojo e medo.

— Já vi sim, e por isso vou lhe contar umas coisas bem curiosas sobre essa bichinha que assusta tanta gente. Mas antes deixe me apresentar, meu nome é Catarina — disse a gata.

— Muito prazer, Catarina, o meu nome é Aurora — se apresentou a bruxa.

Enquanto as duas conversavam, Pedro ficou de lado, escutando, e começou a achar aquilo tudo muito esquisito. Num primeiro momento ele achou que aquela bruxa e aquela gata eram duas pessoas fantasiadas para a noite de halloween. Porém, olhando e ouvindo as duas com mais atenção, teve a impressão de que a bruxa e a gata eram mais do que uma simples fantasia. Não era uma questão de medo, mas sim de curiosidade.

E por falar em curiosidade, a gata Catarina se mostrou muito inteligente, e contou coisas bem curiosas sobre as baratas:

— Você sabia que as baratas estão neste planeta desde muito antes de pensarmos em existir? Que existem há mais de 200 milhões de anos? Elas viveram lado a lado com os dinossauros!

O menino ficou bem impressionado com a inteligência da gata, pois ele não sabia daquilo que ela havia contado.

— Eu não sabia disso... você sabia? — perguntou Pedro para a bruxa, mas ela havia desaparecido — Cadê você?!

Pedro procurou com os olhos pelo parquinho, e viu um vulto de chapéu pontudo correndo.

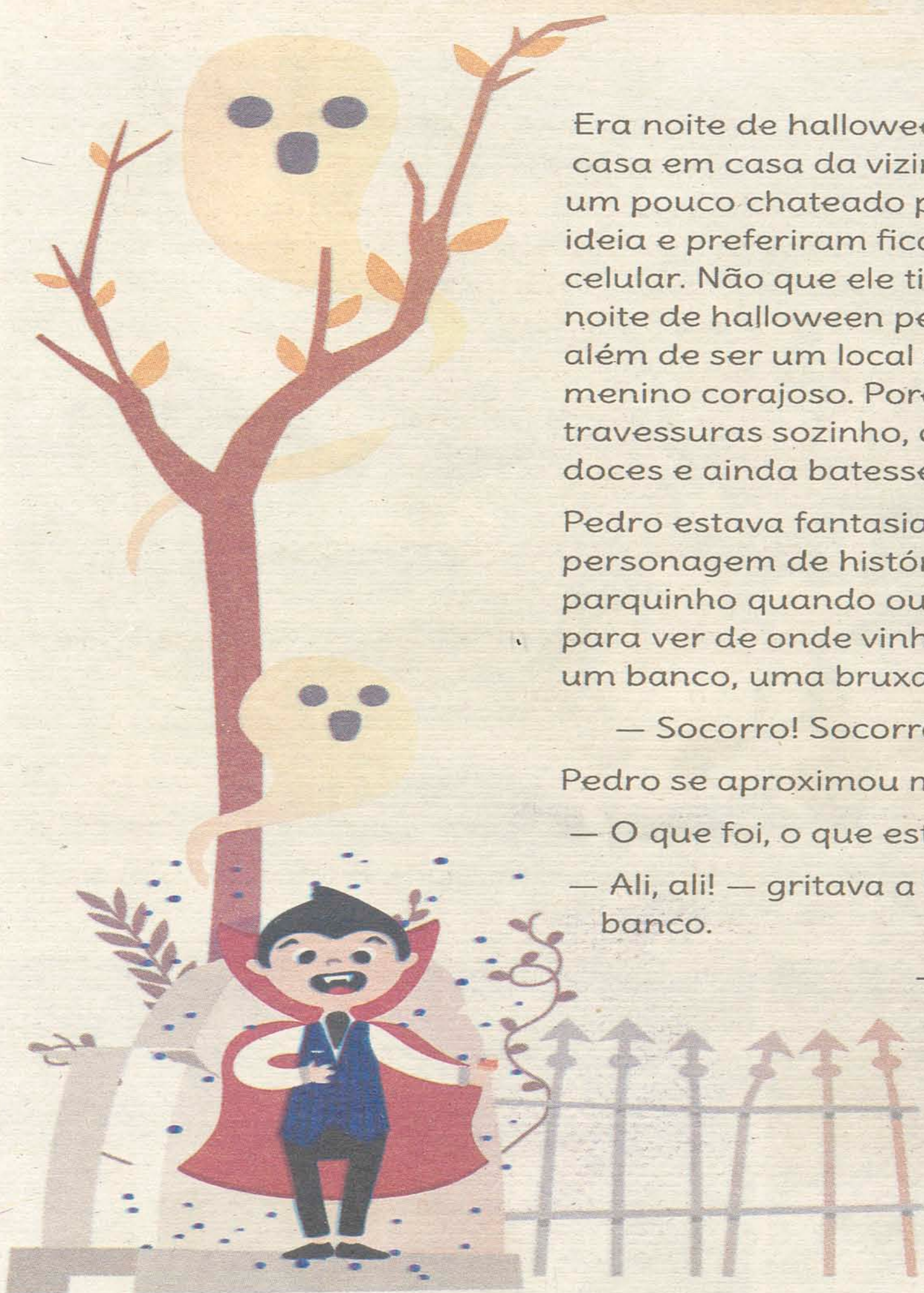
— Vou para casa! Eu é que não vou ficar perto desse mini dinossauro — gritou a bruxa lá de longe, e foi desaparecendo na noite.

Pedro deu uma gargalhada e olhou para a gata, mas para a sua surpresa ela também tinha desaparecido! Olhou para um lado, para o outro, mas ela não estava. De repente ele ouviu um miado vindo do alto, olhou em direção à copa da árvore, mas a luz do poste ofuscou os seus olhos e ele não conseguiu enxergar nada.

Achou melhor ir embora, pois já estava imaginando coisas demais para uma noite de halloween: uma bruxa de verdade e uma gata falante? Ele estava precisando era de um doce!

—Xiii, perdi tanto tempo com essa história maluca que esqueci de pedir doces! Espero que tenha sobrado algum brigadeiro dos que a mãe fez.

E lá se foi outro vulto correndo naquela estranha noite de halloween.



ISTO É UM PARADOXO?!

Você já ouviu alguém dizer que tal ou qual coisa é **PARADOXAL**? E você sabe o que é um **PARADOXO**? Então, se não sabe, vamos descobrir.

Um paradoxo é uma afirmação, uma ideia ou uma situação que parece contraditória, surpreendente ou que vai contra a nossa intuição, muitas vezes desafiando a lógica convencional. Os paradoxos podem surgir em várias áreas, incluindo filosofia, matemática, lógica, física e linguagem. Eles são frequentemente usados para ilustrar conceitos complexos ou para destacar contradições aparentes.

Vejamos um paradoxo lógico. Imagine que você tem uma máquina do tempo e

decide voltar ao passado para conhecer seu avô quando ele era jovem. No entanto, ao chegar lá, você acaba impedindo; sem querer, que seus avós se conheçam e se casem. Ora, se seus avós nunca se conhecessem, seus pais não nasceriam, e consequentemente, você também não existiria. Isso cria uma situação estranha. Pois, veja bem: se você nunca tivesse existido, como poderia ter ido ao passado e impedido que seus avós se casassem?

Esse paradoxo ilustra a complexidade e confusão que podem surgir quando lidamos com a ideia de voltar ao passado. Parece haver uma contradição, pois a sua própria existência estaria comprometida se você mudasse eventos no passado.

Uma versão «resolvida» desse paradoxo aparece de uma forma bem divertida no filme «De volta para o futuro». Você já viu? Não? Então, o que está esperando? É um filmaço, e tem esse paradoxo de fundo. O protagonista muda

o passado dos seus pais, e isso tem consequências para o futuro de todos. Depois de ver o filme, tente entender como o autor resolveu o problema.



E agora vamos **DESAFIAR** você. Esse é o chamado «Paradoxo da encruzilhada». Será que você consegue achar a resposta? Use a cabeça, discuta com

seus amigos, porque tem solução, mas não é fácil de achar. É assim:

Uma pessoa, vamos chamá-la **P**, viaja por um caminho único. Deseja chegar ao lugar **V**, um vilarejo onde todos os habitantes dizem sempre a verdade. Vizinho a este lugar V, está outro vilarejo, o lugar **M**, onde todos os moradores dizem sempre mentiras, isto é, nunca respondem a verdade e sim o oposto à verdade.

Ao seguir seu caminho, a pessoa P chega a uma encruzilhada. Os caminhos se bifurcam, isto é, se dividem em dois. Um desses caminhos leva ao vilarejo V e outro ao vilarejo M.

Na encruzilhada há um guardião, que é um habitante de um dos dois vilarejos, ou de V ou de M, mas a pessoa P não sabe a qual dos dois lugares o guardião pertence. A pessoa P quer chegar ao vilarejo V, onde todos dizem sempre a

verdade. Não há nenhuma tabuleta indicando as direções. Então, esse é o desafio: Que pergunta a pessoa P deve fazer ao guardião para obter a resposta verdadeira?

Pense bem. A pessoa P poderia perguntar: Qual desses caminhos leva ao vilarejo V? Porém, se o guardião fosse um habitante de M, indicaria o caminho errado, isto é, o de M. Se o guardião for um habitante de V, diria a verdade, indicando o caminho de V. E vice-versa, se a pessoa P perguntasse pelo caminho de M, o guardião mentiroso mostraria o caminho de V e o que não mente o caminho de M. A pessoa P não teria como saber se o guardião diz a verdade.

Você seria capaz de achar uma resposta e ajudar a pessoa P a chegar ao seu destino? No próximo número de Tá Ligado vamos dar uma possível solução para esse paradoxo. Aí você verá se bate com a sua. **PENSE!**

jesuítas e carijós no rio araranguá (1605)

Com os chapéus enfiados até as orelhas, de cabeça baixa, forçando o passo, protegendo os olhos e a boca da areia fina que o forte vento que sopra do sul lança contra eles, dois obstinados padres jesuítas caminham em silêncio pela praia, rumo à barra do rio Araranguá.

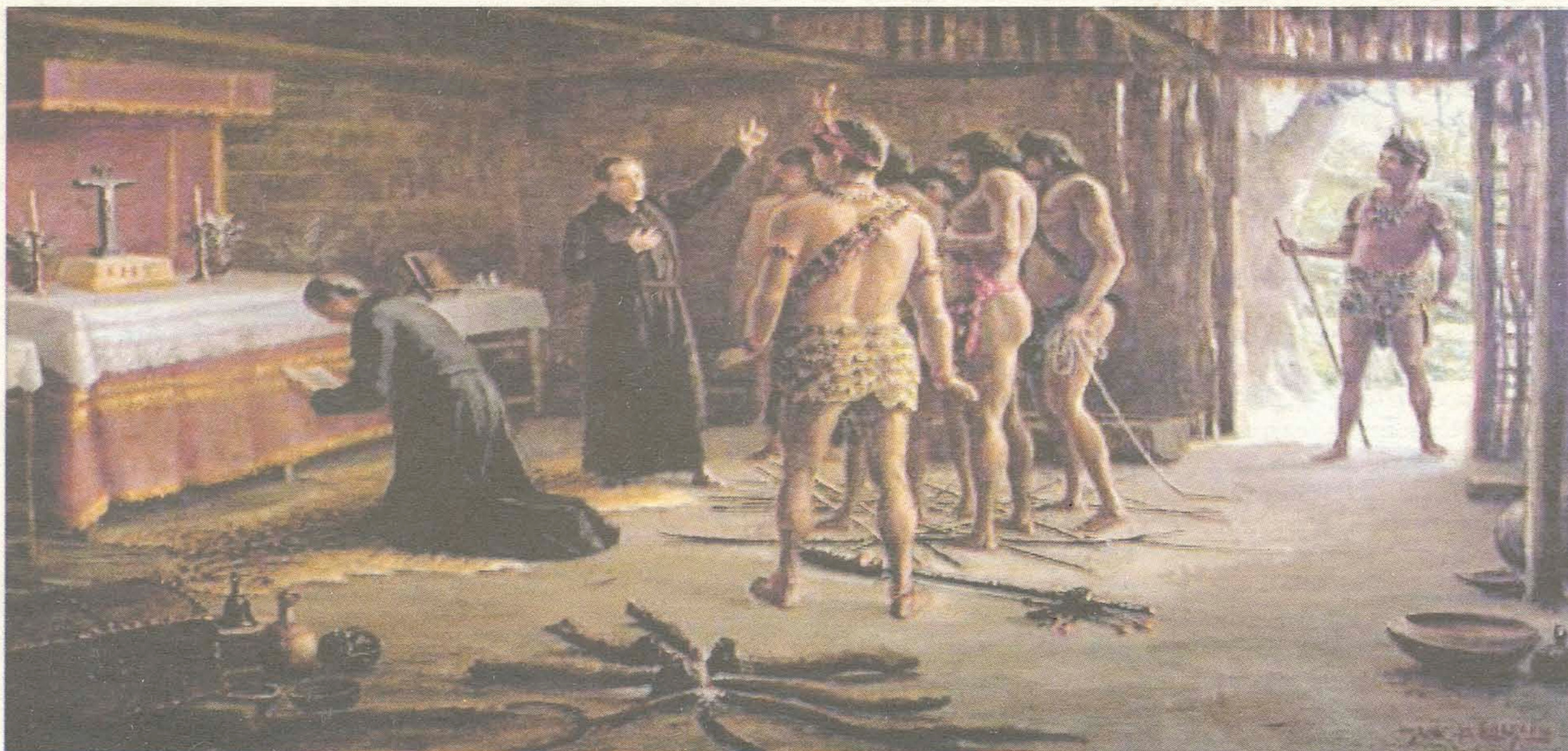
Acompanhados de um grupo de indígenas fiéis, tinham saído de Laguna — onde haviam se estabelecido fazia alguns meses — com o propósito de convencer ao mais influente dos carijós, um *feiticeiro* ao que admiravam e desprezavam, a abandonar as erradas crenças em que vivia e permitir ao seu povo receber a luz salvadora dos Evangelhos.

Apesar do vento, aquele dia do início de outubro de 1605 não fazia frio. O sol brilhava em todo o seu esplendor no céu azul, e as batinas pretas dos padres eram na verdade um estorvo que não combinava nem com a ocasião nem com a estética, mas que não podiam dispensar. Um desses homens determinados era o padre João Lobato, que havia sido encarregado, pelo superior da *Companhia de Jesus* no Brasil, de uma missão de catequização dos carijós — ou *carios*, ou *cariós*, ou *patos*, como eram chamados pelos portugueses os indígenas tupi-guaranis que habitavam o litoral do sul da colônia. O outro era o padre Jerônimo Rodrigues, que o acompanhava como subordinado.

Rondavam ambos os cinquenta anos, uma idade com que naquela época uma pessoa podia ser considerada um ancião, mas eram homens fortes e vigorosos, capazes de enfrentar e superar as mais duras provas, como já tinham demonstrado com sobras desde que, no início daquele mesmo ano, haviam partido do porto de Santos e, depois de uma dura marcha a pé ou navegando em precárias e perigosas canoas, chegaram ao porto de dom Rodrigo, o litoral dos atuais municípios de Laguna e Imbituba, onde levantaram com quatro paus um casebre que servia de morada e de igreja.

Nas proximidades da barra do Araranguá, os padres encontram alguns nativos que sabiam de sua chegada — pois a voz corria entre os carijós. Havia vindo para rezar uma missa, ensinar àqueles índios do extremo mais meridional da colônia portuguesa a doutrina da igreja, e converter alguns deles ao cristianismo; ou, nas palavras do padre Jerônimo, salvar algumas almas.

Embora os padres saibam que os carijós não têm chefes — coisa que muito lamentam —, sabem também que há entre eles alguns homens proeminentes, que se destacam por qualquer habilidade especial ou por ter realizado alguma



Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobucu, cena idealizada envolvendo nativos do Brasil e os mais famosos jesuítas do período colonial, pintada por Benedito Calixto em 1927.

proeza, e que por isso gozam de grande prestígio e exercem certa influência sobre os demais. Dentre estes, nenhum tem mais fama que o chamado Tubarão.

Segundo o relato escrito mais tarde pelo padre Jerônimo, Tubarão era um *feiticeiro*, ou seja, um *pajé*, homem versado em ervas e remédios naturais, mistura de curandeiro e médico. Além disso, Tubarão possui “três ou quatro irmãos, todos feiticeiros”, dos quais parece ser o “principal”. E embora desde o princípio manifestem o maior desprezo ao feiticeiro carijó, sabem que sem o seu beneplácito dificilmente conseguirão transmitir sua doutrina nem, muito menos, convencer algum nativo a se converter, isto é, a aceitar o batismo.

Os pajés — figuras presentes entre todos os povos nativos do continente americano — costumavam viver afastados, levando uma vida secreta e misteriosa, praticamente escondidos entre as matas, acompanhados somente de suas mulheres e seus filhos. Os padres logo ficam sabendo que Tubarão se encontra a umas cinco ou seis léguas dali, mais para o interior, junto a uma grande lagoa (que é, talvez, a do Sombrio, cuja extensão era bem superior à que possui hoje).

Nessa época, portugueses, espanhóis e outros europeus ancoravam seus navios nas proximidades dos rios Araranguá e Mampituba

para realizar o que chamavam “resgate”, isto é, o comércio de seres humanos, a compra de indígenas capturados e vendidos por outros indígenas. Tubarão, segundo o relato do padre Jerônimo, é também um dos mais terríveis caçadores de índios, “a quem os brancos fazem muito caso, porque estes lhes enchem os navios de peças”, e por essa razão é ainda mais respeitado e temido.

É bem possível que essa apreciação nada favorável do padre Jerônimo seja, ao menos em parte, verdadeira. No entanto, também é bastante provável que suas palavras exagerem um pouco o papel do pajé e estejam carregadas do desprezo que sente por todos os indígenas e, em especial, por aquele que, por ser o guia espiritual do seu povo, não podia deixar de ver como um adversário. E o fato de que Tubarão não os tenha recebido com a subserviência que julgavam merecer certamente acentuou o despeito do jesuíta.

Mas os padres não haviam caminhado desde Laguna para voltar com as mãos abanando. Decidem, então, ir ao encontro do feiticeiro. Assim, passando “grande perigo”, atravessando matas e banhados, chegam ao lugar onde Tubarão tinha sua cabana, às margens da grande lagoa. Dentro dela, quatro redes armadas, numa das quais senta-se ele, o temido e venerado Tubarão.

apoio cultural:



Clínica Materno Infantil Aliano

Dr. Ricardo Aliano

CRM/SC 3918 | RQE 1016 e 1017
Ginecologista - Obstetra

Dra. Magda Lena Aliano

CRM/SC 4050 | RQE 1018
Pediatra



Caetano Lummertz, 456 - Conj. 210/212 Centro Executivo Araranguá

99921-9918

3522-1556

DESAFIO DOS LABIRINTOS!

INICIANTE



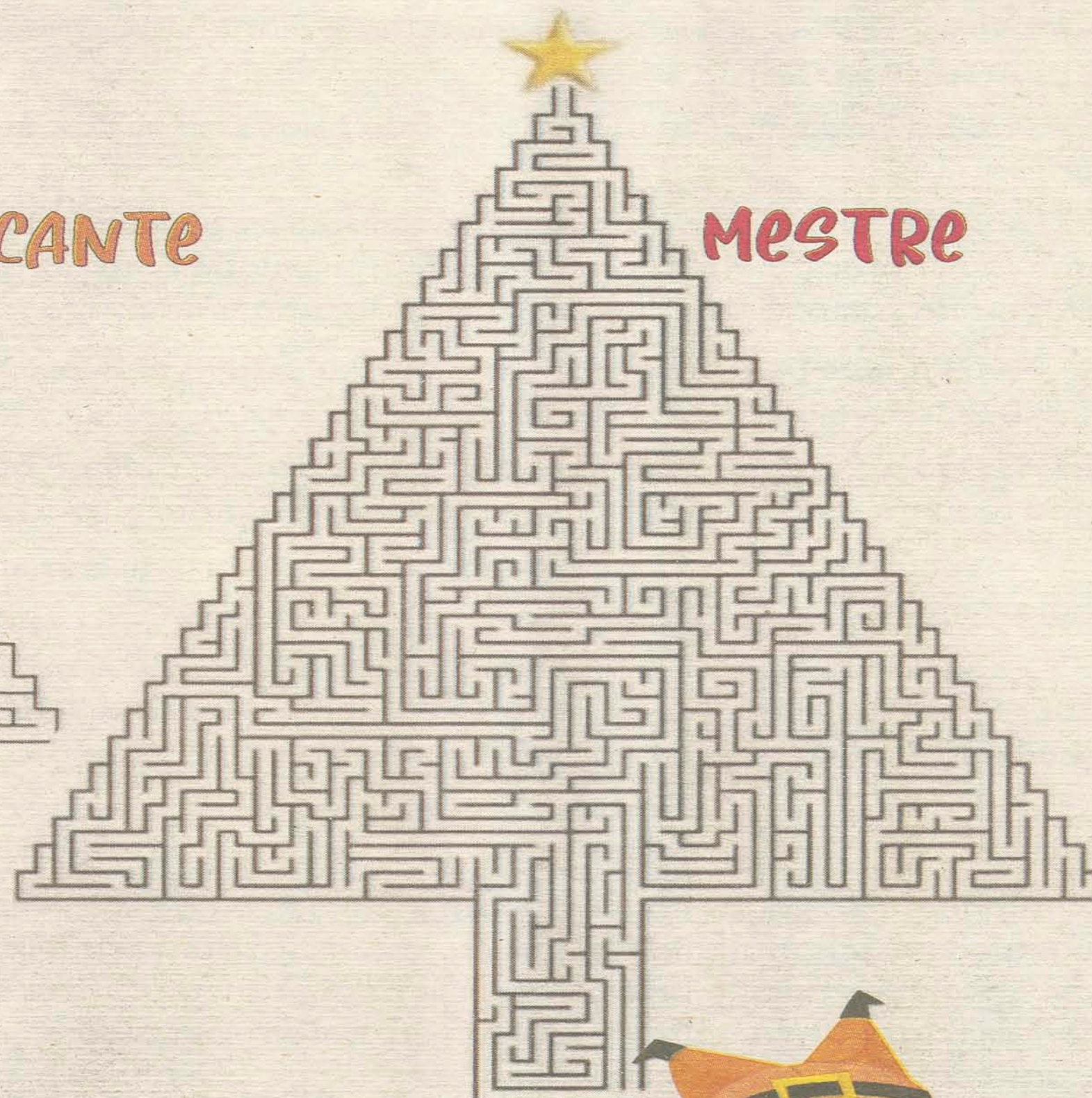
Você não se perde no caminho?
Então vamos ver se você pode dar uma ajuda ao Papai Noel, que parece que anda meio confuso....
Comece pelo labirinto iniciante e siga em frente.
Só não vá cair pela chaminé!



PRATICANTE



MESTRE



apoio cultural:

EDUCAÇÃO



À FRENTE ARARANGUÁ

Estamos trabalhando e transformando nossa terra em uma cidade à frente do seu tempo!

Na educação também estamos à frente, com investimentos no aperfeiçoamento dos profissionais, modernização do ensino, reformas e ampliações, uso de tecnologia nos materiais didáticos, uniforme, material escolar e merenda de excelência, além de inovações e projetos.



Secretaria de
Educação e Cultura

EDUCAÇÃO EDUCAÇÃO

